



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

MÁRIO CRISTIANO PEREIRA OLIVEIRA

**A Religiosidade no século X centrada na figura
de São Rosendo**

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor Alexandre Freire Duarte

Porto
2023

**A Religiosidade no século X centrada na figura
de São Rosendo**

Índice

Índice	i
Siglas e abreviaturas.....	iii
Resumo	1
Introdução.....	3
Capítulo 1: Perfil histórico do Monacato na Galiza e Norte de Portugal	7
1.1.- ORIGEM E FORMA DO MONAQUISMO NA GALIZA E NORTE DE PORTUGAL	8
1.2.- O PRISCILIANISMO E SEU CONTRIBUTO PARA O ASCETISMO	8
1.3.- SÃO MARTINHO DE DUME E A ORGANIZAÇÃO MONACAL.....	10
1.4.- SÃO FRUTUOSO DE BRAGA E O ESPLendor DO SÉCULO VII	13
1.5.- O MONAQUISMO PACTUAL NA GALIZA	15
1.6.- O MONACATO DEBAIXO DO JUGO MUÇULMANO.....	17
1.7.- A RESTAURAÇÃO MONÁSTICA DURANTE A RECONQUISTA.....	20
1.8.- OS MOSTEIROS FAMILIARES	22
1.9.- OS MOSTEIROS DÚPLICES	23
1.10.- A REALIDADE MONÁSTICA DE SÃO ROSENDO.....	25
Capítulo 2: Vida e Percurso de São Rosendo	28
2.1.- NASCIMENTO, BATISMO E JUVENTUDE.....	28
2.1.1.- <i>Pintura representativa da Anunciação e Batismo de São Rosendo</i>	32
2.1.2.- <i>Pintura representativa do Batismo de São Rosendo</i>	33
2.2.- SÃO ROSENDO, BISPO DE DUME-MONDONHEDO	33
2.3.- SÃO ROSENDO E CELANOVA	36
2.4.- A CANONIZAÇÃO DE SÃO ROSENDO	43
2.5.- SÃO ROSENDO, MODELO DE FÉ E IMPULSIONADOR DO MONACATO	45
Capítulo 3: Perfil, Legado e Culto de São Rosendo	47
3.1.- PERFIL DE PASTOR.....	48
3.1.1.- <i>Perfil de Pastor como Bispo</i>	49
3.1.2.- <i>Perfil de Pastor como Abade</i>	52
3.2.- MOSTEIRO DE CELANOVA, O GRANDE LEGADO DE SÃO ROSENDO	55

3.3.- CULTO DE SÃO ROSENDO.....	57
3.3.1.- <i>Um Santo Tirsense</i>	58
3.3.3.- <i>Por Terras do Barroso</i>	61
3.4.- COMEMORAÇÕES DO MILENÁRIO DE SÃO ROSENDO.....	65
3.4.1.- <i>Na Galiza</i>	65
3.4.2.- <i>Em Montalegre</i>	66
Conclusão.....	68
Bibliografia.....	70

Siglas e abreviaturas

IJo. – “*Primeira Carta de São João*”

APUD – citado por

cf. – conferir

dir. – direção

ed. – edição

n. d. – não disponível

n.º – número

org. – organização

s. a. – sem indicação do ano

s. d. – sem dados

s. p. – sem indicação da página

trad. – tradução

vol. – volume

Resumo

Este trabalho versa sobre uma figura histórica do século X, São Rosendo, que assume o papel de bispo, abade e pacificador da região que atualmente corresponde ao Norte de Portugal e à Galiza. Para compreender as linhas que orientam a vida de São Rosendo, procurámos primeiro compreender, ainda que de forma sintetizada, a história monástica da região mencionada. Neste sentido, falar-se-á de um período que começa na origem e forma do monaquismo nestas duas regiões até à realidade monástica de São Rosendo de forma a compreendermos em que campo religioso concreto se moveu a ação do nosso santo. Conhecer o percurso de vida de São Rosendo desde o seu nascimento até à sua morte vai ajudar-nos a compreender quem foi a pessoa de São Rosendo e que contributo nos deixou, o que nos levará ao ponto que consideramos ser o mais importante neste trabalho, que é perceber, através do culto que é feito a São Rosendo, se a história e os povos se têm lembrado da intercessão divina deste santo, ou se ficou esquecido apenas como um nome entre muitos outros nomes no catálogo dos santos.

Palavras-chave

São Rosendo; religiosidade; século X; Celanova; monacato; Galiza; culto; hagiografia; bispo; abade; Dume; Mondonhedo; Pitões das Júnias.

Abstract

This work focuses on a historical figure from the 10th century, Saint Rosendo, who took on the role of bishop, abbot and peacemaker in the region that currently corresponds to northern Portugal and Galicia. In order to understand the lines that guide the life of Saint Rosendo, we have first sought to understand, although in a summarised manner, the monastic history of the mentioned region. In this sense, we will speak of a period that begins with the origin and form of monasticism in these two regions up to the monastic reality of Saint Rosendo so as to understand in which concrete religious field the action of our saint moved. Knowing the life journey of Saint Rosendo from his birth to his death will help us to understand who Saint Rosendo was and what contribution he

left us, which will lead us to the point which we consider to be the most important in this work, which is to understand, through the cult given to Saint Rosendo, whether history and people have remembered the divine intercession of this saint, or whether he has been forgotten as just one name among many others in the catalogue of saints.

Keywords:

Saint Rosendo; religiosity; 10th century; Celanova; monasticism; Galicia; cult; hagiography; bishop; abbot; Dume; Mondonhedo; Pitões das Júnias.

Introdução

Quando estudamos o século X, abordamos uma época da história de substancial importância. Ao mesmo tempo abordamos uma época de elevada complexidade textual, onde nos confrontamos com documentos verdadeiros e outros que contêm muitas suposições e nos levam ao enlevo da curiosidade de explorarmos, como acontece neste trabalho, uma figura desta época. Como estudantes de Teologia e com sede de conhecimento sobre diversos temas da vida da Igreja, o nosso trabalho começa precisamente por relembrar um Santo que nasce no século X, sendo que o seu nome nos é familiar, mas está tão esquecido por todos nós.

Neste projeto de investigação pretendemos abordar a figura de São Rosendo de Celanova (907-977) – bispo de Mondonhede e Dume, e fundador do Mosteiro de Celanova e o seu contexto de ação –, de forma a construir um trabalho que ofereça ao leitor uma visão conciliatória atualizada das diversas fontes históricas e que, ao mesmo tempo, lhe proporcione uma compreensão alargada e sólida desta personalidade.

Motiva-nos para este estudo o facto de as Terras do Barroso (de onde somos originários) atribuírem a este Santo um importante trabalho de evangelização, estando a ele dedicados alguns lugares de culto e havendo uma consciência da sua pertença “às nossas gentes e terra”, que chega ao estabelecimento da denominação “terras de São Rosendo”. Tal denominação e sentido carecem de um trabalho científico de fundo que nós, com este projeto, nos propomos apresentar à *Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa* e oferecer a quem primeiro nos educou e falou de Cristo.

Uma outra motivação surgiu quando começámos a nossa investigação, numa obra escrita em 1977 por ocasião das Comemorações do Milenário de São Rosendo ocorridas em Montalegre, onde encontramos escritas as palavras de D. António de Castro Xavier Monteiro:

«Estamos ainda na fase das monografias; mas esperemos que em breve alguém se atreva a escrever a síntese, para que tão excelsa figura de tirsense, de bispo, apóstolo e guerreiro,

asceta e monge, não seja mais uma figura apagada, apenas conhecida por curiosos da história antiga, mas venha à plena luz da cultura geral dos nossos contemporâneos».¹

Se até esse momento já em nós tinha sido despertado o interesse em explorar este tema, tornou-se fonte quase de obrigação para nós pôr em prática as palavras proferidas por este autor acabado de citar. Sem mais demoras demos início ao nosso trabalho, com a ajuda do nosso amigo e orientador o Professor Doutor Alexandre Freire Duarte que considerou ser este um tema que tinha alicerces para se construir uma obra séria, humilde e bondosa para com quem ela pudesse vir a contactar.

Para elaborarmos esta dissertação, recorremos primeiramente à obra “*Vita et Miracula de São Rosendo*”, escrita em duas partes por Ordonho e Frei Estevão, monges de Celanova e traduzida para português pela conceituada professora Maria Helena da Rocha Pereira. Obra essa, à qual dedicamos muita da nossa leitura e atenção, para um melhor conhecimento da vida e percurso de São Rosendo, sendo que este texto, escrito em duas partes, é a única obra original sobre a vida deste Santo. Para deciframos mais acerca do mesmo, também nos valem de estudos e subsídios mais recentes, elaborados em torno da figura de São Rosendo e que considerámos terem assaz valor.

Uma vez que o século X, século de São Rosendo, também era campo de estudo no nosso trabalho, iniciámos a nossa pesquisa recorrendo a um conjunto de estudos académicos que nos deram uma visão histórica da Idade Média e nos forneceram informações necessárias para o que pretendíamos. Fizeram parte da nossa investigação também várias deslocações, que nos levaram aos lugares da própria realidade que estudámos, entre os quais Celanova, São Miguel do Couto e Pitões das Júnias. Não esquecendo de mencionar alguns dos testemunhos orais que nos serviram de informações preciosas, como o do nosso amigo Padre António Lourenço Fontes, bem como o de algumas das pessoas com quem conversamos tanto em Celanova como em São Miguel do Couto.

O nosso trabalho dividir-se-á em três capítulos. No primeiro capítulo abordaremos o contexto histórico monástico da região que hoje abarca o norte de Portugal e a Galiza, fazendo uma leitura que nos permita compreender o panorama eclesial do século X na Galiza reconquistada aos Muçulmanos, compreendendo os grandes esquemas e formas de vida monástica que São Rosendo e demais fundadores dos séculos IX e X vão encontrar e cultivar. Mais: e procurando também demonstrar o esforço que estes tiveram

¹ António de Castro Xavier Monteiro, APUD A. Lourenço Fontes e Carvalho de Moura, *Milenário de S. Rosendo. 977-1977* (Montalegre: Câmara Municipal de Montalegre, 1978), 37-38.

na reconstrução e construção dos mosteiros e na reforma e/ou regulamentação da vida monástica, com o objetivo de compreender, de forma geral, as formas monacais do território onde São Rosendo exerceu a sua ação pastoral.

No segundo capítulo, aprofundaremos a vida de São Rosendo. Procuraremos explanar as lendas do seu nascimento e batismo, falar da sua juventude e do começo do seu episcopado, apresentando os seus campos de ação. Por outras palavras: falaremos, em traços gerais, da sua família e apontaremos o quão a mesma foi importante na vida de São Rosendo e quanto o ajudaram a tornar a obra de São Rosendo possível. Também fará parte deste capítulo, ainda que de forma muito breve, uma apresentação de São Rosendo como um modelo de bispo e de fé.

No terceiro capítulo explanaremos a figura de São Rosendo como uma personagem que desenvolve vários papéis: bispo, governador, pacificador da Galiza e abade. Falaremos do mosteiro de Celanova, apresentando-o como a grande obra física construída por São Rosendo e tão admirada por nós. Aludiremos ainda ao culto que é feito ao nosso Santo em estudo em Portugal, nomeadamente em Pitões das Júnias – o único sítio em Portugal onde é venerado como padroeiro –, e a devoção popular que existe em São Miguel do Couto, terra do seu nascimento. Por fim, e de modo muito breve, também iremos dar a conhecer as comemorações que se fizeram em homenagem a São Rosendo por altura do milenário do seu falecimento – homenagem que mostra que São Rosendo apesar de um pouco esquecido por alguns, permanece vivo na memória de muitos.

Com este trabalho, feito com tanto empenho e entusiasmo da nossa parte, procurámos, no fundo, trazer à memória da comunidade académica e de todos os curiosos que se prendam à leitura desta Dissertação de Mestrado, a enormíssima beleza que é a vida e a obra de São Rosendo ocorrida no século X, mas que em muito contribui para uma mais cuidadosa leitura dos dias de hoje.

No final do nosso trabalho, lavraremos uma Conclusão na qual procuraremos avaliar o trabalho por nós realizado apurando se os nossos propósitos foram atingidos. De igual forma, tentaremos apurar possíveis caminhos de investigação futuros em volta do tema. Mostraremos, além do mais, as dificuldades que enfrentámos ao longo da investigação e que nos colocaram à prova, permitindo até desvendar outros campos de estudo.

Chegados a este ponto, resta-nos apresentar o título deste trabalho: *A religiosidade do século X centrada na figura de São Rosendo*. As razões para a escolha deste título já

foram sendo apresentadas ao longo desta Introdução, mas ao longo da leitura do trabalho tornar-se-á mais específico essa nossa escolha.

A jeito de conclusão desta Introdução, gostaríamos de elencar uma série de agradecimentos. Em primeiro lugar e de forma muito gratificante ao nosso Orientador e amigo, pela paciência, disponibilidade e conhecimento que nos transmitiu e que tornaram possíveis este trabalho – figura que, além do mais, personifica diretamente todos os nossos professores na Faculdade de Teologia e, indiretamente, todos os nossos demais formadores. Depois, ao nosso amigo Padre António Lourenço Fontes, que tanto nos falou de São Rosendo e de Pitões das Júnias. Em terceiro lugar, todas as pessoas responsáveis pelas distintas Bibliotecas por onde passámos à procura de material de investigação. Penultimamente, e de forma especial, a quem nos forneceu obras importantíssimas para o nosso estudo, saídas das suas bibliotecas particulares. Por fim, a outras pessoas que com carinho acompanharam o desenrolar do nosso trabalho e, com bondade por vezes desgastante para si, dedicaram o seu tempo à leitura do mesmo e nos apontaram várias correções que deviam ser feitas e que, olhando para trás, foram de uma enorme ajuda para nós.

Num agradecimento naturalmente “fora de série” face ao elenco que apresentámos, sentimos a grata vontade de agradecer à nossa família, que nos acompanhou e apoiou, sempre e em tudo, desde o início do nosso percurso académico.

Capítulo 1: Perfil histórico do Monacato na Galiza e Norte de Portugal

Uma compreensão sobre as linhas que orientaram a vida de São Rosendo e a sua ação não pode ser desligada da compreensão geral sobre as formas monacais do território onde semeou proficuamente a Boa Nova. Assim, impõe-se primeiro compreender, ainda que sumariamente, a história monástica da região que hoje abarca o norte de Portugal e a Galiza.² Não pretendemos encetar uma análise localizada ou enumerativa, mas antes de uma leitura que nos permita compreender o panorama eclesial do século X na Galiza reconquistada aos muçulmanos.

Os grandes esquemas e formas de vida monástica que São Rosendo e os demais fundadores de tais vidas nos séculos IX e X vão encontrar e cultivar são virtualmente os mesmos que existiam na Galiza do iluminado século VII. Se, no dizer do professor José Vega, «la presencia islámica no alteró las estructuras socioeconómicas fundamentales. Galicia quedó al margen del islam. Nada trascendental, con un matiz, cambió a raíz de ella»,³ o mesmo não se pode afirmar das estruturas eclesiais, como ele mesmo aclara:

«Hay un aspecto que sí parece que fue afectado por la presencia islámica, precisamente la organización eclesiástica. Particularmente en lo que respecta a los episcopados, no solo por la desaparición o impasse de algún monasterio, sino algunas que desaparecen para siempre, caso de Bretonia, caso de Dumio, que luego se traslada a Mondoñedo, y luego una serie de diócesis que tienen lagunas: Lugo, Ourense, Tui...».⁴

O período do domínio muçulmano é um período de paragem (e, em alguns casos, de retrocesso), que vai exigir dos fundadores-reformadores um esforço duplo: o da reconstrução e construção dos mosteiros, bem como o da reforma e regulamentação da vida monástica. Muitos dos problemas aos quais São Rosendo e os reformadores devotaram os seus dias têm raiz nos hábitos seculares da região, onde também persistem

² Sempre que, ao longo deste trabalho, nos referimos à Galiza ou galego(s), o que temos em mente não são os atuais limites da província espanhola, mas antes e mais justamente o território que correspondeu à Galécia Romana, com os seus três *Conventus* (Bracarense, Lucence e Asturicense).

³ José Carlos Garcia Vega, *Historia Medieval De Galicia: Apuntes De Historia De Galicia*, vol. 1 (s. d.), 14. Todas as traduções apresentadas ao longo deste trabalho são da nossa responsabilidade.

⁴ Vega, *Historia Medieval De Galicia*, 14.

– quer no seu tempo, quer ainda no nosso – imensos hábitos pagãos que remontam ao período da primeira evangelização.

1.1.- ORIGEM E FORMA DO MONAQUISMO NA GALIZA E NORTE DE PORTUGAL

A necessidade da vida monacal nesta região desenvolveu-se com a cristianização, na medida em que, como em todo o mundo onde se anunciou o Evangelho, o inflamado fervor dos cristãos levou alguns deles a retirarem-se da confusão do Mundo, repleto do mundano. Fruto disso, ei-los a deslocarem-se para os altos montes ou isolados vales, onde pudessem entregar-se ao silêncio, à oração e à penitência. As formas mais primitivas da expressão deste desejo estão nos ermitas e nos ermitérios por eles fundados nesses montes do noroeste peninsular, onde não raras vezes, existiam antigos santuários pagãos cristianizados por esta piedosa forma de vida.

Muitos mosteiros têm aqui, certamente, a sua origem, como nos relata Hipólito Sá Bravo:

«La vida Eremítica trajo la formación de los cenobios, a los cuales acudían los ermitaños en determinados días del año, del mes o de la semana, para asistir a las colaciones espirituales, a los oficios comunes y para recibir los Sacramentos, sometándose a la autoridad del superior del cenobio a que se habían acogido, sin compromiso de la observancia de una regla monástica común, pues en la mayoría de estos cenobios libres no existía. Sin embargo, de estas agrupaciones de ermitaños surgieron, en distintas partes de Galicia, los primeros y más antiguos Monasterios».⁵

Foram estas terras muito prolíficas em ermitérios, em particular ao longo do rio Minho e do rio Sil – afluente mais importante daqueloutro, com nascente em La Cueta, já na Província de León. Muitos deles deram, muito mais tarde e com grande probabilidade, origem a mosteiros de grande importância como o de Santa Maria de Oseira, perto de Ourense

1.2.- O PRISCILIANISMO E SEU CONTRIBUTO PARA O ASCETISMO

Muitos se questionaram ao longo da história da investigação teológica se a proliferação do Priscilianismo, que teve como centro geográfico a região da Galiza, teve génese nalguma causa intrínseca assente nos costumes e herança pagã da região. Já em 1866, Manuel Murgia, autor de uma extensa história da Galiza com que contactámos de passagem, sustentava o seguinte:

⁵ Hipólito de Sá Bravo, *El Monacato en Galicia*, vol. 1 (Vigo: Editorial LIBRIGAL, 1972), 28.

«Nada mas cierto que esta heregia, ni cayó como un rayo en medio de la feliz comunión cristiana de Galicia, para traer á ella el trastorno y el disgusto que experimentaron nuestras iglesias y sus principales obispos, ni menos nació el día en que Marco, traspassando los Pirineos, trajo á estos países, con los propios errores, los de Mánes a cuya secta pertenecía. Había algo en la sociedad gallega de aquellos tiempos que la hacia apropósito para recibir ciertas doctrinas, había un pueblo en cuyas antiguas creencias entraba por mucho el elemento semita, [...] y en cuyo culto, el sol y la luna recibían bajo diferentes nombres una adoración constante y preferente».⁶

Não será, de todo, facto consensual que estas regiões tivessem clima propício ao florescimento da heresia, como nota, anos mais tarde, D. António Ferreiro:

«No puede negarse que entre el vulgo quedarían aún restos de las antiguas tradiciones paganas, con las cuales, se dirá, podían combinarse fácilmente las teorías priscilianistas. Pero ni aún esto puede admitirse en absoluto. Así, por ejemplo, el recuerdo de la adoración prestada en otro tiempo al sol, que cita el Sr. Murguía nada tenía que ver con la influencia de los astros predicada por Prisciliano; pues esta era una influencia maléfica que debía esquivarse, y el sol, que adoraron los paganos era un dios benéfico, iluminador del mundo y fecundador de la tierra».⁷

No dizer de ambos, Prisciliano era astuto e de indiscutível inteligênciã, ao que, sem dúvida, se deve parte do seu sucesso no arreigar de adeptos dentro da «vitalidad que el Cristianismo tenía en nuestra región»,⁸ e se buscarmos uma harmonia nas diversas visões dos historiadores, havemos de concluir que alguma (ainda que porventura menos determinante) razão intrínseca a estes povos tem de haver, para que o Priscilianismo tivesse subsistido aqui quase dois séculos.

O rigoroso modo de vida difundido pelos priscilianistas, com seus costumes de ascetismo e penitência bastante extremos e que encontramos frequentemente condenados nos cânones conciliares, porventura exagerados, que se ocuparam de corrigir os erráticos⁹, favoreceu, ao mesmo tempo, a difusão dos ideais de vida ascética e monástica entre o povo. Assim sendo, tudo isto acabou, em última análise, por contribuir para a expansão e criação dos mosteiros:

«Dentro de la doctrina priscilianista, se fomentó no sólo la vida eremítica, que abrazaban en determinados días del año los seguidores de la secta, sino también la extensión y creación de Monasterios tanto de varones como de mujeres. [...] Fácil, por lo tanto, el comprender el por qué de la admiración despierta por los priscilianistas entre las gentes de Galicia, al ver como los iniciados en los misterios predicados por Prisciliano se retiraban a la soledad y a los monasterios, en onde se entregaban a una vida de oración y penitencia. [...] Era para algunos un afán propagandístico y de ostentación, con la

⁶ Manuel Murguía, *Historia De Galicia*, vol. 2 (Lugo: Imprenta de Soto Freire, 1866), 467.

⁷ António Lopez Ferreiro, *Estúdios Histórico-Críticos sobre el Priscilianismo* (Santiago: Tipografía de José María Paredes, 1878), 39.

⁸ Bravo, *El Monacato en Galicia*, vol. 1, 34.

⁹ Como, por exemplo, o controverso 1.º Concílio de Zaragoza realizado no ano 380.

finalidad de aparecer más observantes y puros que los demás, pero que contribuyó a la expansión de las primeras fundaciones monacales de Galicia».¹⁰

Assim, pelo que até aqui observámos, cremos que, fruto da opinião dos historiadores e muito embora as violentas guerras do século V tenham apagado os seus vestígios, é certa a existência de mosteiros anteriores a São Martinho de Dume – considerado o “pai do monaquismo galego”.¹¹ Testemunham este facto três elementos que estimamos dignos de nota: a) em primeiro lugar, as referências sucessivas dos vários concílios locais, nomeadamente na condenação do priscilianismo e na correção dos seus erros; b) em segundo lugar, e entre outros testemunhos, o de Egéria (a monja que, segundo o seu relato a que se deu o nome de “*Itinerário*”,¹² peregrinou da Galécia até à Terra Santa); c) enfim, os escritos de Baquiário, monge galego autor de vários escritos, entre os quais um tratado, de título “*De Fide*”,¹³ contra os erros dos seguidores de Prisciliano.

Dito isto, e quanto se pode entender a partir das fontes, convém destacar que «estos monasterios no tenían una regla monacal determinada»¹⁴ e só mais tarde é que surgem as austeras regras praticadas nos mosteiros galegos – alguns de cunho familiar na sua génese. Austeridade essa, que não pode, de todo, ser desligadas da influência priscilianista, nem tão pouco a nível existência dos mosteiros dúplices¹⁵ (masculinos e femininos), por força do papel singular das mulheres no priscilianismo.

1.3.- SÃO MARTINHO DE DUME E A ORGANIZAÇÃO MONACAL

Assente o que atrás demonstramos, eis que, só no século VI, com São Martinho de Dume (520-580) encontramos um primeiro e claro representante do labor monástico, com a criação do mosteiro (e bispado) de Dume, «que fue centro y cabeza del monacato

¹⁰ Bravo, *El Monacato en Galicia*, vol. 1, 35.

¹¹ Cf. Bravo, 35-36.

¹² s. a., *Egéria: viagem do Ocidente à Terra Santa no séc. IV. Itinerarium ad loca sancta*, estudo e tradução de Alexandra B. Mariano, texto latino de Aires A. Nascimento (Lisboa: Colibri, 1998).

¹³ Fr. Henrique Flórez, *España sagrada: teatro geographico-historico de la Iglesia de España: tomo XV, De la provincia antigua de Galicia en comun y de su metropoli, la Iglesia de Braga* (Madrid: En la oficina de Antonio Marin, 1759).

¹⁴ Bravo, *El Monacato en Galicia*, vol. 1, 38.

¹⁵ A questão chegará até ao século XII, onde observamos as reprovações do Papa Pascoal II ao Arcebispo Guelmirez, da Arquidiocese que é hoje Santiago de Compostela, por tolerar, todavia, a existência de mosteiros dúplices na sua diocese. Cf. José Orlandis Rovira, «Los monasterios familiares en España durante la Alta Edad Media», *Anuario de historia del derecho español*, n.º 26 (1956): 87.

galaico»,¹⁶ e do qual São Rosendo, devoto confesso de São Martinho, haveria de ser Bispo. O Santo Dumiense é, pois, o *pater fundamentalis* do monacato que brotará nas periferias de Dume, fundando cenóbios que fortaleceu com escritos pastorais e monásticos. A este seu labor não nos esqueçamos do seu empenho com a definitiva conversão dos suevos ao Catolicismo, em meados do século VI e segundo os testemunhos de Gregório de Tours e São Isidoro de Sevilha.¹⁷

São Martinho imprime à vida monástica galego-portuguesa o cunho e a inspiração oriental de onde era originário – a Panónia. Deveras, antes de chegar à Galiza, no ano de 550, peregrinou, ainda jovem, à Terra Santa e lá lhe terá surgido a ideia de levar o Evangelho aos confins do ocidente. Veio por Itália e terá permanecido alguns anos em França, «donde pudo conocer las regias monásticas de San Benito y de San Cesáreo de Arles». ¹⁸ Chegou cá, segundo São Gregório de Tours.¹⁹ ao mesmo tempo que as relíquias de São Martinho de Tours, que o rei suevo Carriarico mandou trazer de França, a fim de conseguir a cura de seu filho e sucessor Teodomiro. Obtida esta cura, os suevos abandonaram o arianismo e também, segundo se crê, se empenharam na construção da primitiva catedral de Ourense.²⁰

Nesta mesma região de Ourense começa o seu apostolado, onde se julga ter fundado e reorganizado mosteiros, e embora não se conheçam os seus nomes, é de supor que aconteceram em lugares onde esteve. Hipólito de Sá Bravo diz-nos que «remontan a San Martín los Orígenes de los Monasterios primitivos de San Pedro de Rocas, Mixós, Francelos, Samos, Franqueira y Santa María de Loyo»,²¹ além, obviamente, de Dume, que funda depois dos reis suevos (e ele próprio) se terem mudado para Braga e que é, com toda a justiça, considerada a sua mais importante fundação.

Para as suas novas fundações, São Martinho criou uma espécie de regra monástica²² que compreende «una colección de anécdotas, dichos y sentencias»²³ dos antigos sábios. O Pe. Flórez, no apêndice do volume XV da monumental “*España*

¹⁶ José Orlandis, *Historia Del Reino Visigodo Español* (Madrid: RIALP, 2011), 222.

¹⁷ Cf. Gabriel Le Bras, *La Iglesia Medieval* (Valencia: EDICEP, 1976), 662.

¹⁸ Jesús Gomez, *Historia De La Vida Religiosa*, vol. 1 (Madrid: Publicaciones Claretianas, 1987), 365.

¹⁹ Cf. Bravo, *El Monacato en Galicia*, vol. 1, 41.

²⁰ Cf. Bravo, 41.

²¹ Bravo, 41.

²² Cf. José Galdes Freire, «Manuscritos das *Sententiae Patrum Aegyptiorum* de S. Martinho de Dume», *Repertorio de Historia de las Ciencias Eclesiásticas en España*, vol. 2 (1971): 83-97.

²³ Bravo, *El Monacato en Galicia*, vol. 1, 40.

Sagrada”, publicou um documento intitulado “*Aegyptorum Patrum Sententiae*”,²⁴ atribuído a um autor grego desconhecido e que foi traduzido e ordenado por São Martinho para uso dos seus monges. Composto de feitos e relatos edificantes relacionados com a vida dos padres do deserto da Tebaida, «así como diversas sentencias sobre los vicios, las virtudes, la vida de oración y penitencia que debían practicar los que en los Monasterios se consagraban a Dios».²⁵ Embora não seja, formalmente falando, uma regra como a de São Bento, encontramos, em tal escrito de São Martinho de Dume, respostas para o esclarecimento de praticamente todas as questões mais importantes da vida monacal daqueles tempos.²⁶

Prolífico autor de livros de caráter ascético e doutrinal, além de traduções que fez para o latim da vida de Padres Gregos, deixou-nos, igualmente, uma importante coleção de cânones – a primeira do género na Península Ibérica. Em consequência deste seu labor, escreveu a obra que passaria à posteridade como a que teve mais impacto. A saber: o “*De correctione Rusticorum*”, onde, em resposta a uma carta do bispo de Astorga, procura corrigir costumes «donde perduraban reminiscencias muy profundas de las doctrinas priscilianistas, unidas a costumbres ancestrales de origen celta».²⁷

Vemos, assim, que, nos primeiros séculos da nossa era, o Cristianismo já havia alcançado uma grande vitalidade, também ascético-monástica, na antiga *Gallaecia* romana. Uma vitalidade que fica bem patente nos transtornos que causou a propagação do priscilianismo, e que, ao mesmo tempo, se mostra na expansão monástica, aumentada a partir das fundações e reestruturações levadas a cabo de São Martinho de Dume e dos seus monges. «Nada extraño, – diz-nos Gabriel Le Bras – pues, que el rey suevo Theodomiro, ya convertido al catolicismo, y bajo la orientación de San Martín, tratase de reorganizar las diócesis de su reino».²⁸ E tenha tentado realizar a mesma pensando-a como sendo, sobretudo, uma expansão da vivência cristã entre povos ainda muito paganizados, de modo a criar mais sedes episcopais que pudessem encetar a cristianização de tais povos e, simultaneamente, atender às necessidades do povo cristão.

²⁴ Cf. Flórez, *España sagrada*, 433.

²⁵ Bravo, *El Monacato en Galicia*, vol. 1, 43.

²⁶ Cf. Bravo, 43.

²⁷ Bravo, 44.

²⁸ Bravo, 48.

1.4.- SÃO FRUTUOSO DE BRAGA E O ESPLENDOR DO SÉCULO VII

Durante o século VII, o monacato experimenta, na Península Ibérica, uma época de crescimento e de esplendor, de modo que «todas las ciudades importantes tenían monasterios dentro de sus muros o en sus cercanías».²⁹ Deveu-se este impulso, primeiramente, à conversão de uma outra tribo germânica – os visigodos – do arianismo ao Catolicismo, que tem uns dos mais árduos empreendedores desta campanha – que havia de ser consumada no terceiro Concílio de Toledo (589) – seja no monge São Leandro de Sevilha, seja a seu irmão, São Isidoro de Sevilha, «cortesano de Toledo, [que] emigra a las tierras bercianas de su familia y en sus escondrijos montañosos alienta un nuevo modelo monacal, llamado “pactualista” por el sistema de pactos o conciertos con que se estipula el gobierno abacial y la admisión de los candidatos».³⁰

Não obstante, é sem dúvida São Frutuoso de Braga – ou de Dume – (595- 665) o grande impulsionador deste «movimiento ascético [peninsular] que ocupa un lugar relevante en la historia del monacato occidental».³¹ A sua família (tal como a de São Rosendo) é aparentada com a realeza visigoda e o seu pai era um destacado membro do exército. «Cando éste murió, Fructuoso decidió optar por la vida religiosa bajo la supervisión del obispo Conancio de Palencia. Tras unos años junto a él volvió al Bierzo, donde gracias a su ejemplar vida anacorética comenzó a tener gran cantidad de seguidores».³² Com a sua vida e devoção, atraiu este Santo muita gente à vida ascética, desde as classes populares (a maioria) até a membros das classes sociais mais altas, incluindo muitos nobres. Temos notícias de, pelo menos, dez mosteiros fundados por São Frutuoso, sete no noroeste peninsular e três na *Baetica* – que corresponde hoje, mais ou menos, à Andaluzia – e para eles escreve uma “*Regula Monachorum*”,³³ notável pelo seu rigor e democracia.³⁴

Já após a submissão, ocorrida em 585, dos suevos do tempo de São Martinho de Dume, o rei visigodo Recesvinto, conhecedor dos méritos de São Frutuoso, dá-lhe o

²⁹ Bras, *La Iglesia Medieval*, 662.

³⁰ S. L. Pérez López, «San Rosendo: Monje y Reformador del Monacato», *Estudios Mindonienses*, vol. 23 (2007), 208. De notar que a referência a «modelo monacal, llamado “pactualista”» não se deve confundir com o modelo pactualista que, como ainda veremos, tem por pai São Frutuoso.

³¹ Orlandis, *Historia Del Reino Visigodo Español*, 246.

³² José Iglesias e Maria Sans, *Estudio Critico: Fructuoso de Braga* (Madrid: Fundación Ignacio Larramendi, 2011), 1.

³³ Cf. Julio Campos Ruiz e Ismael Roca Melia, *San Leandro, San Isidoro, San Fructuoso: Reglas monásticas de la España visigoda* (Madrid: BAC, 1971), 92.

³⁴ Cf. Pio G. Alves de Sousa, *Patrologia galaico-lusitana*, 2.^a ed. (Lisboa: Universidade Católica, 2003), 144.

governo da abadia e do bispado de Dume, fundado oitenta anos antes por São Martinho, cuja vida monástica São Frutuoso intensifica extraordinariamente. No ano 656 assiste ao Décimo Concílio de Toledo presidido por Santo Eugénio e nele é promovido a Bispo da sede metropolitana de Braga, então vacante pela forçada renúncia de Potâmio em razão dos seus procederem pouco ajustados ao rigor da disciplina eclesiástica.³⁵

Neste concílio são ditados alguns cânones relacionados à vida monástica que São Frutuoso impôs nos seus mosteiros. Aqui observamos, também um dos principais legados do Santo patriarca dos monges hispano-visigodos. A saber: formavam uma confederação que reunia os superiores mensalmente. Mas não só: das atas de tais reuniões se coligiu um opúsculo intitulado “*Regula Communis*” (bastante mais suave que a já referida “*Regula Monachorum*”) e cujo apêndice é o famoso “*Pactum*”, documento singular que regulamenta as relações entre o abade e os monges. É, portanto, São Frutuoso que, conforme esclareceremos mais abaixo, traz para a Galiza o sistema *pactum* bastante difundido entre os monges germânicos.

Através do ilustre escritor São Valério,³⁶ podemos vislumbrar nos opúsculos ascéticos que nos deixou «el entusiasmo religioso, un tanto confuso, que habia dejado la presencia de San Fructuoso»³⁷. Hipólito de Sá Bravo, que em tantos lugares nos vai acompanhar neste estudo, menciona, a este propósito, o seguinte na sua obra “*El Monacato en Galicia. Volume I*”:

«con la forma de vida de Fructuoso y sus colaboradores [...] se ofrece el primer perfil del monacato galaico: comunidades rurales, formadas por decanías o grupos de diez monjes, que realizan tareas agrícolas y ganaderas acompañados de colonos y siervos; un esquema constitucional muy elemental y flexible que permite variar la vida comunitaria; ascetismo de gran arraigo popular».³⁸

Como organizador do monacato na Galiza, São Frutuoso é quem traz aos mosteiros o conceito hierárquico, já presente de modo distinto na ordem de São Bento, da autoridade do abade, «unido al sentido individualista y democrático de los derechos de los monjes que podían enfrentarse y hasta deponer al abad, si éste no se ajustaba a la observancia de la Regla o del Pacto establecido».³⁹

³⁵ Cf. Sousa, 142.

³⁶ São Valério do Berzo, tradicionalmente considerado o autor da “*Vita Fructuosi*”, que hoje sabemos que foi composta não por ele, mas por escritor desconhecido da região de Braga em finais do século VII. Cf. Sousa, *Patrologia galaico-lusitana*, 143.

³⁷ Le Bras, *La Iglesia Medieval*, 663.

³⁸ López, «San Rosendo: Monje y Reformador del Monacato», 209.

³⁹ Bravo, *El Monacato en Galicia*, vol. 1, 51.

1.5.- O MONAQUISMO PACTUAL NA GALIZA

Lembra José Mattoso que «está de há muito posta de parte a velha afirmação dos cronistas monásticos do século XVII, que atribuíam a observância da Regra beneditina nas comunidades peninsulares à própria época de São Bento».⁴⁰ No caso da antiga Galécia, esta questão é ainda mais proeminente, na medida em que o monaquismo pactual de inspiração e tradições que remontam a São Frutuoso foi tido e mantido durante séculos, como o mesmo erudito autor aclara: «nas nossas regiões, os usos instituídos pela “*Regula Communis*”, atribuída a São Frutuoso, se prolongaram até ao século XI».⁴¹

Apesar do ecletismo dos costumes monásticos e da importância dada «muito mais [à] tradição regional do que [a] qualquer regra escrita»,⁴² as regras e os pactos de São Frutuoso tiveram o condão de reger a vida monacal, sobretudo naqueles mosteiros onde nenhuma das antigas regras havia sido adotada, dando-lhes uma certa unidade: «com efeito a *Regula Communis* insurge-se violentamente contra os mosteiros a que chama “falsos”, por resultarem de fundações realizadas sem o acordo da autoridade eclesiástica e determinadas por razões equívocas».⁴³ Esta modalidade “frutuosiãna” persistiu até se desvanecer, pouco a pouco, com a introdução da regra de São Bento no âmbito e contexto da reforma carolíngia, embora tivesse coexistido, durante algum tempo, com ela.

O Pacto tinha um carácter contratual entre um determinado número de pessoas que estavam dispostas a fazer vida comunitária sob a autoridade de um abade. «En Galicia estuvieran en vigor gran número de Pactos, dada la cantidad de Monasterios que hubo a partir de San Martín, pero tan solo conocemos el contenido de algunos, por cierto, bien pocos, en relación a los que conservan en Castilla».⁴⁴ López Ferreiro no segundo volume da sua “*Historia de la A. M. Iglesia de Santiago de Compostela*”, informa e transcreve,⁴⁵ embora com grandes lacunas, três destes pactos, a partir de onde se pode ter uma ideia mais aproximada sobre o seu conteúdo.

⁴⁰ José Mattoso, *Do Tempo e Da História*, vol. 2: *O Monaquismo Ibérico e Cluny* (Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1968), 79.

⁴¹ Mattoso, 80.

⁴² Mattoso, 79.

⁴³ Mattoso, 81.

⁴⁴ Bravo, *El Monacato en Galicia*, vol. 1, 52.

⁴⁵ Cf. António López Ferreiro, *História de La Santa A. M. Iglesia de Santiago de Compostela*, vol. 2 (Santiago: Imp. y Enc. del Seminario Conciliar Central, 1889).

Um dos maiores estudiosos destes pactos e suas controvérsias foi Charles Julian Bishko, que nos esclarece que ao contrário da profissão individual onde o monge se submete unilateralmente, a “profissão pactual” é um instrumento comum, contido num único documento e em que todos os religiosos, conjuntamente, o subscrevem (adicionando-se ao pacto inicial a assinatura dos monges que se quisessem juntar posteriormente). O pacto é dirigido a um abade ou abadessa, criando uma «especial ligação pessoal»⁴⁶ com o/a superior/a: ao mesmo tempo que lhes juram obediência, retêm o direito de, em excepcionais e bem definidas circunstâncias, rejeitarem a autoridade abacial se esta for exercida de forma arbitrária ou injusta.⁴⁷

Os pactos monásticos foram uma solução robusta e eficaz que sobreviveu à invasão muçulmana, «y que pasó a ser documento escrito en las fundaciones monacales de los siglos VIII, IX y X, hechas en los territorios conquistados a los musulmanes».⁴⁸ Conclui, a este respeito, Bishko:

«Acima de tudo, no panorama monástico ocidental e ibérico, foi uma solução local para problemas peculiarmente galegos; e o seu sucesso deve ser julgado não só pelo que realizou nas últimas décadas do domínio visigótico, mas ainda mais pela sua tenaz sobrevivência após 711, onde durante os longos e difíceis séculos de recuperação monástica, [o pactualismo] ocupou um lugar central na vida religiosa de duas das regiões mais frutíferas institucional e culturalmente da Ibéria cristã medieval, Galiza-Portugal e Castela-Rioja».⁴⁹

José Mattoso aponta na mesma direção ao demonstrar, inclusive, como em território luso o pactualismo se estendeu além do século X e, curiosamente, atribui a São Rosendo um importante papel na difusão da “*Regula Comunnis*” e do monaquismo pactual:

«Foi, sem dúvida, por seu intermédio [S. Rosendo], sobretudo pela influência que exerceu em Guimarães, que esta corrente, por assim dizer ortodoxa, perdurou também na região portugalense. De Guimarães, passou a Lorvão, se é que não era já ali observada, de Lorvão à Vacariça, da Vacariça a Leça. No segundo quartel do séc. XI, assiste-se mesmo a uma tentativa de restauração, tanto quanto possível integral, feita pelo abade Tudeildo, que, expulso da Vacariça por uma invasão muçulmana, por volta do ano 1026, se recolhe

⁴⁶ Na expressão de Bishko: «specifically personal bond». Cf. Charles Julian Bishko, *Spanish and Portuguese monastic history, 600-1300*, vol. 1: *The Pactual Tradition in Hispanic Monasticism* (London: Variorum Reprints, 1984), 17.

⁴⁷ Seguimos aqui o pensamento de Bishko na obra indicada na nota de rodapé precedente.

⁴⁸ Bravo, *El Monacato en Galicia*, vol. 1, 55.

⁴⁹ «Above all, in the panorama of western and Iberian monasticism, it was a local solution to problems peculiarly Gallegan; and its success is to be judged not alone by what it accomplished in the final decades of the Visigothic province but even more by its tenacious survival after 711, when during the long difficult centuries of monastic recovery it enjoyed a central place in the religious life of two of the most institutionally and culturally fruitful regions of medieval Christian Iberia, Galicia-Portugal and Castile-Rioja»: Charles Julian Bishko, *Spanish and Portuguese monastic history, 600-1300*, vol. 1, 17.

no mosteiro dependente de Leça. Tudeíldo, com efeito, parece tentar reconstituir uma congregação semelhante às da época visigótica, ao reconhecer a autoridade do abade Flórido na Vacariça, e ao fazer assinar em 1045, o pacto monástico da *Regula communis* pelo seu sucessor em Leça e pelo abade Pedro de Anta, outra dependência da Vacariça». ⁵⁰

Todos estes dados nos indicam que o monaquismo luso-galaico – antes, durante e durante algum tempo após – São Rosendo foi muito provavelmente, e em termos gerais, um monaquismo pactual e que é dentro desta forma monástica que havemos de entender a ação de São Rosendo, muito embora, como noutra parte sustentamos, as invasões muçulmanas tenham abalado este florescimento e esplendor e, possamos afirmar, criaram condições o surgimento de velhas, indesejadas e combatidas formas ascéticas que hão de ser preocupação do nosso venerável Santo.

1.6.- O MONACATO DEBAIXO DO JUGO MUÇULMANO

O terrível ano de 711 marcou para sempre a história da península, na medida em que todo este florescimento tão profícuo é subitamente abalado pela invasão muçulmana. Logo depois, no ano de 716, ⁵¹ «tomaron los Sarracenos a Lisboa, Coimbra, Oporto, Braga, Tuy, Lugo, y [...] destruyeron y asolaron la ciudad de Orense». ⁵² A maior parte dos mosteiros é completamente destruída e, apesar de testemunhos arqueológicos de resistência, a grande maioria dos monges submeteu-se pacificamente, alguns ocultaram-se nos montes e outros fugiram da península com os seus livros e relíquias.

Ao mesmo tempo, o descontrolo e o abandono das sedes criadas pela sobredita invasão das hordas bárbaras islâmicas fizeram com que toda a vida religiosa experimentasse abandono e retrocesso: «as invasões muçulmanas criam condições de perturbação social e política extremamente favoráveis a tal espécie de fundações (desregradas). Com efeito, quando os bispos se retiram das regiões mais ameaçadas,

⁵⁰ Mattoso, *Do Tempo e Da História*, vol. 2, 83.

⁵¹ Outras fontes indicam o ano de 714. Cf. Carlos Andrés Gonzáles Paz, «Sarracenos, Moros, Mudejares y Moriscos en la Galicia Medieval», *Cuadernos de Estudios Gallegos*, vol. 51, n.º 117 (2004), 285.

⁵² Manuel Risco, *España Sagrada. Tomo XL. Antigüedades De La Ciudad Y S.Ta Iglesia De Lugo: Memorias De Los Insignes Monasterios De S. Julian De Samos, Y S. Vicente De Monforte. Examen Critico De Los Monumentos Que Se Diecen Concilios Lucenses. Noticias Ineditas Del Celbre Codice De Concilios, Que Se Conservó En Esta Iglesia Hasta Su Traslacion À La Real Biblioteca Del Escorial, Y Del Ms. Remitido À Roma À Gregorio XIII. Con Muchos Documentos Y Escrituras Concernientes À Los Asuntos Que Se Tratan* (Madrid: Oficina se la viuda e hijo de Marin, 1796), 87.

como sucede nas nossas dioceses, não podem controlar eficazmente a regularidade da vida religiosa».⁵³

Neste ponto é necessário aclarar que, como sustentámos no início deste primeiro capítulo da nossa Dissertação, na região da antiga Galécia Romana – e no entender de alguns especialistas – só a organização eclesiástica/política foi severamente afetada por tais atos de *jihad* que, verdade seja dita, fazem do mito do paraíso islâmico no Al-Andalus nada mais do que, justamente, um mito.⁵⁴ De qualquer modo, diz-nos José Vega que, em geral,

«la presencia islámica debió ser muy limitada, probablemente solo guarniciones asentadas en las principales ciudades y plazas fuertes de la Galicia oriental y meridional. Las fuentes árabes hablan de la *madinat Lukk*, posiblemente el centro de operaciones principal de los musulmanes en la zona. Es importante saber desde el principio que la mayor parte de la tropa está integrada por bereberes del norte de África recientemente islamizados pero los más perjudicados en el reparto de las tierras tras la conquista, los más beneficiados fueron la minoría dirigente árabe, sobre todo siria».⁵⁵

Embora não se tenha conhecimento que tenham existido repovoações, outros autores como Carlos Paz, sustentam que os efeitos da presença islâmica na Galiza foram demasiado profundos para que se possa imaginar uma presença fugaz. Fazendo demorada análise à documentação posterior sobre, entre outros, conversos e toponímias, conclui que:

«la presencia musulmana en el territorio galaico en los dos primeros siglos de ocupación musulmana fue realmente significativa. Esta presencia se mantendrá en los siglos siguientes, con musulmanes asentados en nuestro territorio bajo distintas figuras y estatus jurídicos, desde esclavos musulmanes hasta musulmanes conversos al cristianismo, es decir, moriscos. Esta presencia se constata ya en la documentación del siglo X, ofreciéndonos, a lo largo y ancho del espacio galaico, una casuística muy interesante».⁵⁶

Toda esta dificuldade se prende, naturalmente, com a escassez de fontes e com a dificuldade em harmonizar as versões dos cronistas cristãos e muçulmanos. Apesar disto, é possível encontrar uma base que nos deixa estabelecer alguns dados que julgámos ser os mais acertados. As fontes cristãs e muçulmanas estão de acordo que a celebração de pactos (com seus tributos e obrigações nas formas conhecidas), foram uma modalidade amplamente usada no curto período de efetivo domínio muçulmano: «Otro ejército despachó Hixem contra las villas de Galicia a las órdenes del hermano

⁵³ Mattoso, *Do Tempo e Da História*, vol. 2, 82.

⁵⁴ Cf. Fernández-Morera, *El mito del paraíso andalusí: Musulmanes, cristianos y judíos bajo el dominio islámico en la España medieval* (Madrid: Almuzara, 2016).

⁵⁵ Vega, *Historia Medieval De Galicia*, 13.

⁵⁶ Paz, «Sarracenos, Moros, Mudejares y Moriscos en la Galicia Medieval», 288-289.

del caudillo anterior, Abdelmélíc ben Abdelguáhid ben Moguit, el cual destruyó la capital de su rey, ajustó pactos favorables y obtuvo gran botín». ⁵⁷ Por seu lado, é também certo que houve grande destruição de igrejas e mosteiros como nos provam os trabalhos de reconstrução durante a reconquista e as mesmas crónicas muçulmanas. En-Nuguairí diz sobre a tomada da cidade de León:

«En el año 231 [845-6] marchó el ejército musulmán de Córdoba al país de los cristianos, se dirigió a Galicia, cogiendo botín, prisioneros y cautivos, llegó hasta la ciudad de León, a la cual puso sitio y emplazó contra ella las máquinas de batir. Entonces sus habitantes temieron y salieron huyendo, abandonando cuanto había dentro de la ciudad. Los musulmanes cogieron todo lo que quisieron de su botín e incendiaron el resto». ⁵⁸

No mesmo sentido, Álvarez Gomez sublinha que «la invasión arrasó la práctica totalidad de los monasterios. Muchos monjes se vieron obligados, con el fin de salvaguardar su vocación monástica, a atravesar los Pirineos». ⁵⁹

Temos, pois, que concluir que, pese embora a escassez documental sobre os modos do seu domínio, a estrutura religiosa foi, de facto, completamente afetada e que, também, a partir da incursão muçulmana se mantêm na Galiza grupos populacionais ligados ao islamismo, como aclara Carlos Paz: «encontraremos la presencia y asentamiento de un cualitativamente importante grupo de musulmanes en territorio galaico, concretamente durante el reinado de Alfonso II (791-842)», ⁶⁰ sendo que a esses, numa lógica de reciprocidade com o que havia sido feito antes em sentido oposto (mas sem o matar), restava a opção da conversão ao cristianismo ou «manteniéndose como musulmanes en territorio cristiano, muy posiblemente como siervos». ⁶¹

Sobre este aspeto, num documento do mosteiro de Celanova, Carlos Paz, no intuito de nos informar sobre a ignorável presença dos muçulmanos na Galiza, encontra a indicação de que o próprio São Rosendo teria um servo de origem muçulmana:

«El obispo San Rosendo de Celanova tenía un siervo doméstico, que trabaja *como pistor* para él, que había sido moro y que tenía cinco hijos. Tanto él como su descendencia presentan nombres cristianos pero lo que nos indica su naturaleza morisca es el hecho de que se utilice en el documento un pretérito perfecto para indicar que había sido *maurus*, musulmán, lo que implica necesariamente que ya no lo era, al igual que sus hijos». ⁶²

⁵⁷ En-Nuguairí, *Historia de los musulmanes de España y Africa*, vol. 1, texto árabe y traducción española por M. Gaspar Remiro (Granada: Tipografía de “El Defensor”, 1917), 22.

⁵⁸ En-Nuguairí, 44.

⁵⁹ Gomez, *Historia De La Vida Religiosa*, vol. 1, 486.

⁶⁰ Paz, «Sarracenos, Moros, Mudejares y Moriscos en la Galicia Medieval», 287.

⁶¹ Paz, 288.

⁶² Paz, «Sarracenos, Moros, Mudejares y Moriscos en la Galicia Medieval», 292.

Em suma, se o período de domínio militar e civil é relativamente curto, as transformações operadas a partir das incursões muçulmanas, são uma realidade que transformará toda esta região com efeitos permanentes e duradouros.

1.7.- A RESTAURAÇÃO MONÁSTICA DURANTE A RECONQUISTA

Com a progressiva, e às vezes muito lenta, Reconquista cristã da Península Ibérica começa também a restauração monástica. Sempre que podiam os fundadores buscavam os antigos santuários arruinados: «La restauración monástica es simultánea a la tarea de reconquista. A medida que avanza la reconquista avanza también el monacato hacia la frontera musulmana. Los monasterios son el mejor medio para la repoblación de las tierras reconquistadas».⁶³

Desde o reduto asturicense, que a pouco e pouco se vão reconquistando as terras, restaurando os mosteiros e fundando novos centros de vida religiosa «por la munificencia de los reyes y de la nobleza, pero también por gentes más sencillas».⁶⁴ Vários deles surgem nas crónicas logo nos primeiros anos da reconquista. É o caso de São João de Pravia (onde ingressa a rainha Adosinda, viúva do rei Afonso I – apodado de “o Católico” –), Santa Eulália (nas imediações de Covadonga) e São Vicente de Oviedo, entre outros.⁶⁵

Por esta altura, em meados do século VIII, encontramos um dos grandes impulsionadores da restauração monástica, o bispo Odoário de Lugo, «el cual, después de haber padecido cautiverio en el norte de África, fundó por tierras gallegas, especialmente lucenses, más de veinte monasterios».⁶⁶ Também Afonso II (dito “O Casto”), patrocinou a vida monástica, dotando mosteiros e, mais tarde, «se restauran algunos monasterios de tradición fructuosiana».⁶⁷ A abundância de fundações é, pois, a grande nota característica deste período onde a repovoação dos lugares se iniciava quase sempre com a fundação de um mosteiro a que se seguem os colonos.

É de referir que acudiam aos mosteiros todo o tipo de fiéis que desejavam santificar a vida no rigor e na austeridade da vida cenobítica. Os três primeiros séculos

⁶³ Gomez, *Historia De La Vida Religiosa*, vol. 1, 491.

⁶⁴ Gomez, 492.

⁶⁵ Cf. Gomez, 492.

⁶⁶ Gomez, 492.

⁶⁷ Gomez, 492.

da reconquista são, de facto, um tempo rico, do qual brotam muitas das flores do santoral peninsular, mas cujo exemplo é, para nós, grandemente desconhecido, dada a ausência significativa de relatos biográficos. De qualquer modo, para melhor se entender quem povoava estes mosteiros, é necessário perceber que, se embora todos os monges fossem iguais perante a lei monástica, havia sem dúvida diversas categorias:

«Suele haber varios sacerdotes, algunos diáconos y subdiáconos, algunos con las órdenes menores, pero la mayoría siguen siendo laicos. Comúnmente, todos los monjes reciben el nombre de *Hermanos* o *Fratres*. Cuando hay algún monje que se ha sometido a la penitencia pública que se recibía una sola vez en la vida, se suele hacer constar con el calificativo de *confesor*. Los llamados conversos antes de que adquieran una categoría especial en la Orden de los Premostratenses, eran hombres de edad madura que entraban en los monasterios para hacer penitencia por sus pecados. Por carecer de una formación adecuada que los capacitase para el rezo de las horas canónicas, se ocupaban generalmente en los oficios domésticos y en los trabajos agrícolas. Los oblatos podían ser niños entregados por sus padres al monasterio para ser educados con miras a una futura profesión monástica; pero también personas mayores que entregaban todos sus bienes al monasterio a cambio de los bienes espirituales y de un seguro material de por vida. No faltan casos de entrega de familias enteras. En los monasterios españoles no había acepción de personas como en los monasterios de más allá de los Pirineos en los que los siervos y los miembros de las clases inferiores difícilmente podían entrar en un monasterio. Judíos y moros conversos aparecen con frecuencia como monjes».⁶⁸

Os Mosteiros galegos da reconquista tiveram, também, uma enorme importância social no que diz respeito à caridade que estava nos mesmos perfeitamente enraizada e deles irradiava. Sobretudo no que concerne ao albergue de peregrinos e ao cuidado dos enfermos, constituíam estes mosteiros uma verdadeira rede de assistência segundo os princípios evangélicos.⁶⁹ Já não se pode dizer o mesmo do cultivo das letras, pois, conforme Jesús Gomez diz, «los monjes españoles de esta época no brillaron especialmente por el cultivo de su inteligencia. La demostración palpable está en la carencia de obras de importancia salidas de nuestros monasterios».⁷⁰ Se bem que encontramos alguns testemunhos de escolas monacais e a habitual presença dos escritórios e bibliotecas na maioria, não encontramos, como no resto da Europa, as grandes obras clássicas dos autores latinos e gregos. Estas abadias têm, sobretudo, obras litúrgicas e monásticas.⁷¹

Por fim, e como atrás dissemos, quanto aos modelos e regras de vida monástica, o panorama dos três primeiros séculos da reconquista é, como fora no século

⁶⁸ Gomez, 498-9.

⁶⁹ Cf. Gomez, 499-500.

⁷⁰ Gomez, 500.

⁷¹ Cf. Gomez, 500.

VII, variado e pluriforme, a maioria inspirada, sem dúvida, no modelo de São Frutuoso e da “*Regula Communis*”, bem como no seu “*Pacto*”.

1.8.- OS MOSTEIROS FAMILIARES

Como vimos, o crescimento monástico durante a reconquista é, em boa medida, um crescimento nos modos e formas do monaquismo visigótico do século VII, se bem que, na medida em que a sociedade muda, também elas vão evoluindo, apresentando novas razões para o seu existir e diferentes contextos de ação. São Rosendo, como mais à frente teremos oportunidade de verificar, combate sobretudo o monaquismo familiar com a mesma desconfiança com que fora combatido por São Frutuoso, na medida em que ele relega para segundo plano os interesses religiosos e subverte a autêntica forma de vida cenobítica, sobretudo em virtude dos interesses patrimoniais.⁷²

José Cernada recorda que se as razões de fundo que levaram à recusa desta forma se mantêm, a realidade durante a Reconquista é diferente da do século VII:

«Los monasterios familiares de esta época no tienen nada que ver con los del siglo VII. No son ya casas familiares convertidas en monasterios, sino que se trata de cenobios fundados por una gran familia en el corazón geográfico de sus dominios patrimoniales y a los que se les dona una parte sustancial del patrimonio del grupo fundador. De ese modo se consigue evitar la dispersión del patrimonio aristocrático ya que el sistema hereditario vigente y la no existencia de mayorazgo, implicaba que los bienes reunidos por un matrimonio no podían transmitirse íntegramente a uno de sus hijos, sino que tenían que repartirse de modo más o menos igualitario entre todos sus descendientes».⁷³

Os mosteiros familiares constituíam, deste modo, uma forma de preservação patrimonial para a nobreza, que mantinha o controlo territorial e material das propriedades, muito embora teoricamente não lhes fosse devido. Ainda que estes mosteiros tivessem, sem dúvida, uma verdadeira dimensão religiosa, o conflito de interesses «de los grupos aristocráticos derivó, en algunos casos, en una rápida decadencia».⁷⁴ De facto, a muitas destas fundações sucedia a sorte das famílias fundadoras. Se a família prosperava, prosperava também o mosteiro, se por outro lado definhava, muitas vezes se extinguía ou era entregue ao governo da outra comunidade monástica⁷⁵.

⁷² Cf. José Orlandis Rovira, «Los monasterios familiares en España durante la Alta Edad Media», *Anuario de historia del derecho español*, n.º 26 (1956): 46.

⁷³ José Miguel Andrade Cernadas, «Los modelos monásticos en Galicia hasta el siglo XI», *Archivo Ibero-Americano*, vol. 65, n.º 252 (2005): 604.

⁷⁴ Cernadas, 605.

⁷⁵ Cf. Cernadas, 603-605.

Não obstante, não eram apenas estas (porventura menos sãs) as razões que levavam às fundações de mosteiros familiares. Muitos deles surgiam da vontade piedosa de um casal que, ou fundava um pequeno mosteiro privado – almejando as eternas recompensas prometidas nos Evangelhos e fazendo monges e monjas os seus parentes –, ou, não conhecendo melhor, se entregava, com suas posses e haveres, a um já anteriormente fundado: «muy a menudo aparecen quienes sintiéndose fundadores prefieren dirigir por otros cauces sus anhelos piadosos y construyen con su esfuerzo eremitorios o iglesias, donde reúnen pequeñas comunidades que inician una forma de vida monástica a la que el futuro reservaba suertes muy diversas».⁷⁶

Havia, ainda assim, formas de mosteiros familiares mais frequentes e menos evasivas, onde a expressão da influência familiar e/ou fundacional apenas dizia respeito ao Abade e seus sucessores: «con todo, la forma más frecuente de vinculación familiar se producía a través de la sucesión en la dignidad abacial y en el gobierno de la comunidad por personas de la estirpe fundacional».⁷⁷ Dito isto, muitas das fundações familiares apropriaram-se, quer dos rasgos essenciais do monaquismo visigótico (que tanto os havia combatido), quer, para sua própria direção, do regime pactual, «ideado por los legisladores monásticos visigodos que habían sido sus mayores enemigos».⁷⁸

1.9.- OS MOSTEIROS DÚPLICES

A questão dos mosteiros dúplices, que tanto tempo perdurou na península Ibérica, não deve ser desligada, quer das características únicas do monacato peninsular, quer da particular génese dos mosteiros familiares: «muchos de esos monasterios de fundación particular eran también, en efecto, dúplices o mixtos por razón de la comunidad que habitaba en ellos, y que estaba constituida, en todo o en parte, por personas pertenecientes a la familia o estirpe del fundador».⁷⁹ Sabemos que São Rosendo não intervém diretamente contra estoutros mosteiros dúplices, pelo menos na forma como combateu os mosteiros familiares. José Mattoso diz que «o nosso Santo, embora não

⁷⁶ José Orlandis Rovira, «Los monasterios familiares en España durante la Alta Edad Media», *Anuario de historia del derecho español*, n.º 26 (1956), 19.

⁷⁷ Rovira, 23.

⁷⁸ Rovira, 25.

⁷⁹ Rovira, 50.

condenasse os mosteiros dúplices, os considerava, provavelmente, como dando menos garantias de observância perfeita e regular».⁸⁰

Convém esclarecer que esta questão se tem tratado muitas vezes de forma excessivamente rápida nos manuais de história, e que, por isso, se não distingue entre mosteiros dúplices e mistos. De facto, os primeiros – que ainda hoje existem, como no mosteiro de Einsiedeln, que visitámos há uns anos quando fomos à Suíça estar com familiares –, dizem respeito a comunidades de monges e monjas, separados entre si, quer seja no mesmo edifício (onde, por vezes, só a igreja é comum), quer seja em dois edifícios próximos ou vizinhos, mas regidos pela mesma autoridade.⁸¹ Já no que diz respeito aos mistos, «hombres y mujeres vivían en común y la Iglesia, como es natural, no aprobó jamás una tal clase de cenobios».⁸² Embora não seja possível, por vezes, distinguir nas fontes documentais se se trata de um ou de outro caso, é legítimo assumir que a forma mista é mais provável nos mosteiros irregulares de fundação privada e que a dúplice constitui terá formado a maioria.

O aspeto dúplice dos mosteiros galegos (e, em geral, da Península Ibérica) não é um caso de somenos importância. José Rovira salienta que «ya Ambrosio de Morales – y sus testimonio es invocado por Julio Puyol –, al historiar la época de Ordoño I, hacía observar que la mayor parte de los monasterios de entonces eran de carácter dúplice».⁸³ José Mattoso parece apontar o mesmo caminho quando explica que «na Espanha da Reconquista, os mosteiros dúplices generalizam-se, mas permanece a ideia de que as comunidades familiares representam um abuso, mesmo tendo o seu número crescido».⁸⁴

Para ilustrar esta realidade, Rovira apresenta vários exemplos:

«[Una] pequeña comunidad regida em 917 por el presbítero Alarico, [que] estaba compuesta por una hermana suya, Eilo, y tres compañeros; un hermano y su hermana, más otra mujer, integraban en 981 la comunidad presidida por la abadesa Argelo; y un *frater* y una *soror* formaban la reducida grey del presbítero Morellus y habitaban un pequeño monasterio que, al igual de los dos anteriores, se incorporó a la abadía de cardeña. El Cenobio del presbítero Saturnino no contaba con más moradores que su hermano Salvador y la mujer de éste, Columba, cuando, em 1063, se agregaba también a Sal Millán»⁸⁵.

⁸⁰ José Mattoso, *Do Tempo e Da História*, vol. 5: *S. Rosendo e as correntes monásticas da sua época* (Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1972), 18.

⁸¹ Esta questão é desenvolvida por José Orlandis em: José Orlandis Rovira, «Los monasterios dúplices españoles en la Alta Edad Media», *Anuario de historia del derecho español*, n.º 30 (1960): 51-59.

⁸² Rovira, 51.

⁸³ Rovira, 68.

⁸⁴ Mattoso, *Do Tempo e Da História*, vol. 5, 16.

⁸⁵ Rovira, «Los monasterios dúplices españoles en la Alta Edad Media», 69.

Nas fundações de carácter duplo é possível encontrar, quase sempre e profundamente enraizado, o sistema pactual, pelo qual eles se regiam: «las fórmulas canónicas visigodas, y en especial las fructuosianas, se adecuaron a maravilla a los establecimientos religiosos de carácter dúplice».⁸⁶ A tradição dos mosteiros dúplices é sem dúvida poderosa e está amplamente enraizada na Galiza dos séculos IX, X e XI, muito embora, como vemos e facilmente imaginamos, imersa em impurezas, bastante desgovernado, povoado de múltiplas motivações e, em suma, grandes desvios do ideal monástico que se foi tornando “canónico”. Em parte, é possível atribuir este fenómeno à crise das estruturas eclesiásticas e ao retrocesso cultural e social que se seguiu à queda do estado visigodo e à acefalia do período de dominação muçulmana:

«Tal vez una de las más chocantes muestras de ese confusionismo institucional nos la ofrezca la paradoja de ver las fórmulas pactuales de tipo familiar, como los de Mozonzo o Barreto, que tanto recuerdan aquellos pseudomonasterios irregulares de siglos anteriores, de los que el monje visigodo [S. Frutuoso] había sido implacable flagelador».⁸⁷

Tanto quanto nos é dado a conhecer, e como tivemos oportunidade de adiantar, São Rosendo não se opôs diretamente aos mosteiros dúplices, «todavia, a sua estima por eles não devia ser grande, porque os documentos fundamentais de Celanova não mencionam nunca as *sorores*, *ancillae Christi* ou *deovotae*. O mosteiro é fundado exclusivamente para homens»,⁸⁸ As doações confirmadas por São Rosendo a vários mosteiros dúplices⁸⁹ indicam, pelo menos, que ele não estava, de forma frontal e total, contra tais mosteiros.

1.10.- A REALIDADE MONÁSTICA DE SÃO ROSENDO

Apesar de irmos de aprofundar a vida de São Rosendo no próximo capítulo desta Dissertação, pareceu-nos imprescindível realizar este trabalho elucidativo sobre o monaquismo galego. E isto, a fim de que possamos melhor compreender em que campo religioso concreto se moveu a ação do nosso Santo. Muito mais se justifica esta apresentação tendo em conta que a vida monástica da Península Ibérica foi substancialmente diferente daquela que, pelo menos até ao tempo de São Rosendo,

⁸⁶ Rovira, «Los monasterios dúplices españoles en la Alta Edad Media», 78.

⁸⁷ Rovira, 78.

⁸⁸ Mattoso, *Do Tempo e Da História*, vol. 5, 17.

⁸⁹ Castrelo (947), *Speranatei* (958); Sobrado e S. Salvador (963); e Santo Agostinho no território de *Tybris* (968).

encontramos além das suas fronteiras, e que o monaquismo da antiga Galécia é ainda revestido de acontecimentos e marcas muito próprias. A sempre eterna questão (que foi por vezes controversa) da introdução da regra de São Bento, que vimos não representar, até pelo menos ao século XII, significativa expressão na Galiza, mais nos inclinou a este levantamento histórico.

Estamos, agora, chegados ao momento de apontar, em jeito de suma do que foi sendo exposto, as principais características do monacato ao tempo de São Rosendo. Assim, a primeira de todas é a influência eremítica dos Padres do Deserto. Vimos que os principais influenciadores do monacato galego neles se inspiraram, e são ainda hoje incontáveis as ermidas que se mantêm nestes territórios. Por outro lado, o carácter tribal que por muito tempo se manteve, fez com que o Cristianismo e o ascetismo permanecessem povoados de hábitos pagãos, apesar dos esforços dos nossos Santos – de então e, certamente, de hoje.

O Priscilianismo deixou a sua marca. Em variados estudos recentes se tem debatido a origem de alguns traços de um certo monaquismo galego nos modos de proceder religiosos priscilianistas. Tende-se a concluir que não se trata de uma marca estruturante ou justificação suficiente,⁹⁰ embora, considerando os quase dois séculos em que ele foi lançando as suas teias, tal influência não será despiciente. Estruturantes do nosso monaquismo são, esses sim e sem dúvida, os Santos Martinho de Dume (e Braga) e Frutuoso de Braga (e Dume). O primeiro como verdadeiro e canónico impulsionador da vida monástica galega; o segundo como decisivamente marcante para a forma própria deste monaquismo no primeiro milénio, com a sua regra e o seu pacto.

Assim, São Rosendo juntou-se ao esforço da Reconquista cristã e da renovação monástica – tantas vezes co(m)-associadas –, nomeadamente no âmbito dos grandes fundadores e patrocinadores da vida monástica, como foram – iremos ver – o seu pai e a sua família. O nosso Santo teve pela frente uma multitude de formas de vida ascética cenobíticas, algumas delas, e como vimos, nem sempre saudáveis. As suas principais preocupações foram mesmo a restauração do rigor e da austeridade tradicionais da herança monástica de São Frutuoso. A observância da regra, a obediência, o zelo, a piedade estão presentes na sua principal fundação, em Celanova, a qual desejou que fosse um exemplo desse seu ideário – sonho que a história não defraudou.

⁹⁰ Veja-se a este respeito: Antonio Linage, «Prisciliano y los orígenes monasticos Hispanos», em AAVV, *Prisciliano y el priscilianismo* (Oviedo: Caja de Ahorros de Asturias, 1980), 88-99.

Numa síntese, significativamente feliz, o ex-beneditino José Mattoso apresenta o *modus operandi* de São Rosendo nestes termos, que extrai dos documentos da época: «uma vida “segundo as normas dos Padres”, onde permanecem monges “que militam por Deus segundo exercícios previstos pela Regra”, “que submetem o pescoço ao suave jugo de Cristo e à norma da Regra”, “que caminham na estrada do Evangelho e militam por Deus com fiel devoção”». ⁹¹ Um contraste claro, segundo Mattoso, onde «há [...] uma voluntária acentuação dos aspectos evangélicos e regulares do monaquismo, que sem dúvida o opõem a outros meios onde [...] se praticaria uma vida relaxada». ⁹²

Sabemos que São Rosendo conhece e apoia os movimentos federativos, mas não parece ter querido ou podido restaurá-los em torno de Celanova. José Mattoso pensa ⁹³ que terá atuado provavelmente como *episcopus sub regula*, embora sem a inclinação que, paulatinamente, se ia tornando mais acentuada, da autoridade do bispo sobre os mosteiros da sua diocese. Do quanto sabemos, São Rosendo respeitou e promoveu a tradição pactual – sem, no entanto, a ter exacerbado ⁹⁴ –; combateu vigorosamente o monaquismo familiar, bem como o interesseiro «patrocínio de mosteiros por proprietários leigos ou eclesiásticos» ⁹⁵; e, por fim e como mencionámos, não incentivou os mosteiros dúplices. Em suma, «propagou uma vida comunitária rigorosa em que se propunha como modelo a Cristo obediente e pobre, e se acentuava a exigência de abandonar o mundo com as suas “pompas”». ⁹⁶

⁹¹ Mattoso, *Do Tempo e Da História*, vol. 5, 21.

⁹² Mattoso, 22.

⁹³ Cf. Mattoso, 22.

⁹⁴ Queremos dizer, exatamente, que aplicou a tradição pactualista sem, no entanto, a ter claramente preferido. José Mattoso destaca, como citamos no capítulo dedicado a esta questão, a influencia de São Rosendo na difusão deste modelo em Guimarães.

⁹⁵ Mattoso, *Do Tempo e Da História*, vol. 5, 22.

⁹⁶ Mattoso, 22.

Capítulo 2: Vida e Percurso de São Rosendo

Para um mínimo conhecimento da biografia de São Rosendo, que é o nosso objetivo para esta parte do trabalho, não existem muitas fontes coevas e de qualidade indiscutível disponíveis. De facto, a primeira e mais completa obra sobre a vida deste Santo foi escrita por Ordonho – monge do mosteiro de Celanova – e Frei Estêvão – monge e professo do mesmo mosteiro, tendo sido ainda escrita em latim. De entre algumas boas traduções feitas deste idioma para a língua coeva, foi usada, como esteio fundamental, para a elaboração deste capítulo da nossa Dissertação a elaborada por Maria Helena da Rocha Pereira, seja pela qualidade que nós mesmos reconhecemos à tradução, seja pelo facto de ser a única disponível em português. Ao longo do trabalho deste capítulo mantivemos também presente a leitura da obra de Ordonho traduzida para o espanhol por Manuel C. Díaz e Díaz, María Virtudes Pardo Gomez e María Vilariño Pintos.

2.1.- NASCIMENTO, BATISMO E JUVENTUDE

De acordo com os dados de que dispomos contemporaneamente com alguma fiabilidade, São Rosendo nasceu a 26 de novembro do ano 907, no lugar de Salas, «uma vila régia, distante cerca de duas milhas da igreja que tinha sido consagrada no Monte Córdova em honra de São Salvador»,⁹⁷ perto de Santo Tirso, lugar esse de Salas que já não existe. Era filho do conde Guterre Mendes e de Ilduara que viviam nas terras da Galiza e de Portucale, onde contraíram matrimónio.⁹⁸

Eram seus bisavós paternos Guterre e Elvira, e Gatón e Egilo. Resulta do matrimónio de Guterre e Elvira o filho Hermenegildo, que casou com Hermesinda, filha de Gatón e Egilo. Pela estirpe materna, eram seus bisavós Fernando e Gutina, pais de Ero, o qual contraindo matrimónio com Adosinda, terão a felicidade de ter como filha

⁹⁷ Ordonho de Celanova, *Vida de São Rosendo*, em Maria Helena da Rocha Pereira (ed.). *Vida e Milagres de São Rosendo* (Porto: Junta Distrital do Porto, 1970), 17.

⁹⁸ Cf. Ordonho de Celanova, 15.

Ilduara, mãe do Santo.⁹⁹ Não é, face a todos estes nomes que para os nossos dias pouco dirão face ao apartamento cronológico, despiciente referir que o nosso Santo acabava por, devido aos seus ascendentes, pertencer às famílias reais de Leão e Castela, conforme vinca Emilio Sáez num dos seus estudos dedicados a São Rosendo:

«perteneía a una familia cuya historia, desde sus miembros más antiguos, se identifica casi por completo con la del reino astur-leonés. Ella dio a la naciente monarquía guerreros heroicos, grandes políticos, santos y reinas que desarrollaron en todos los órdenes de la vida, y muy especialmente en el religioso, una beneficosa labor».¹⁰⁰

O seu nascimento foi considerado, na ocasião do mesmo e depois na tradição popular e hagiográfica, como miraculoso. De facto, a sua mãe Ilduara, desgostosa porque os filhos que gerava morriam todos à nascença, fazia peregrinações desde Salas até à igreja de São Salvador, no Monte Córdova. Um dia, enquanto subia em peregrinação para a dita igreja, ter-lhe-á aparecido um anjo enviado por Deus que num sonho, por ela tido enquanto repousava no caminho, lhe assegurou que esta iria conceber um filho:

«apareceu-lhe um anjo do Senhor [o Arcanjo Miguel] a consolá-la, dizendo: – “Ilduara, alegra-te! As tuas preces foram escutadas na presença de Deus. Conceberás e darás à luz um filho, que junto dos homens gozará de grande estima, e, junto de Deus, de grande mérito.”».¹⁰¹

As ressonâncias bíblicas presentes neste texto são, para olhos atentos, evidentes, mas a verdade é que, aparentemente e neste momento apenas em relação ao nascimento, as coisas aconteceram como Ilduara tinha sonhado: «ao cabo de alguns dias, Ilduara concebeu, completou sem aborrecimentos os meses de gravidez e aos 26 dias do mês de novembro deu à luz um filho, a que chamou Rosendo».¹⁰²

Gratos por terem recebido uma tão enorme graça da parte de Deus, os pais de São Rosendo, como eram possuidores de muitos bens, tomaram uma decisão cujas repercussões ainda os afamaram mais pelas terras em que viviam e nas vizinhas. Em concreto: em honra do nascimento do seu filho, mandaram chamar clérigos pobres, sacerdotes, vizinhos e parentes e realizaram um banquete durante o qual ofereceram, num ato de consagração cheio de verdadeira piedade e gratidão, o seu filho a Deus.

⁹⁹ Cf. Emilio Sáez, *Los Ascendientes de San Rosendo. Notas para el Estudio de la Monarquía Astur-leonesa durante los Siglos IX y X* (Madrid: Diana, Artes Gráficas, s.a.), 5-6, 14, 49.

¹⁰⁰ Emilio Sáez, 5.

¹⁰¹ Estêvão de Celanova, *Vida de São Rosendo*, em Maria Helena da Rocha Pereira (ed.). *Vida e Milagres de São Rosendo* (Porto: Junta Distrital do Porto, 1970), 41.

¹⁰² Estêvão de Celanova, 41.

Também nessa ocasião, distribuíram esmolas pelos pobres e deram liberdade a escravos que lhes estavam submetidos.¹⁰³

Mas os atos de agradecimento pelo nascimento de um tal primogénito não se ficaram por aí. Ilduara mandou edificar uma igreja perto de Salas, em honra do Arcanjo São Miguel, pois lembrava-se que tinha sido deste que recebera a boa nova de que conceberia um filho. Na consagração dessa igreja estavam vários bispos que tinham sido convidados e foi nessa mesma igreja que São Rosendo recebeu o sacramento do Batismo, que lhe garantiu a pertença ao Corpo Místico d'Aquele a Quem, um dia, iria servir como sacerdote.¹⁰⁴ De notar, ainda, que o seu batismo está também relacionado com uma lenda muito enraizada na hagiografia do mesmo:

«Ora, como afluíssem parentes e amigos ao batismo do menino, aprouve aos pais que fosse baptizado na Igreja de S. Salvador, no Monte Córdova, porque aí tinha a mãe dele recebido a revelação de que conceberia. Procuraram, por conseguinte, uma grande pia de pedra e puseram-na em cima de um carro, para se transportar para essa Igreja de S. Salvador. Mas, quando os bois iam a puxar a pia de pedra, o carro quebrou-se com o peso, e, enquanto os servos preparavam um novo carro, a pia baptismal foi encontrada dentro da Igreja de S. Miguel, há pouco edificada. Ao verem este prodígio, todos se admiraram profundamente; por sua vez, os pais da criança reconheceram que era vontade de Deus que ela fosse baptizada na Igreja de S. Miguel. E assim se fez. E a pia baptismal, de pedra, conserva-se até à data na Igreja».¹⁰⁵



fig. 1 - Pia baptismal onde São Rosendo recebeu o batismo

Ora bem, a pia baptismal foi redescoberta pelo professor de medicina, e sobretudo etnógrafo de fama mundial, Joaquim Alberto Pires de Lima. Eis como nos conta o próprio autor:

«No meu citado artigo, narrei a visita que fiz à igrejinha de S. Miguel do Couto, onde tive a fortuna de descobrir a pia baptismal de S. Rosendo. Recordarei um curioso episódio

¹⁰³ Cf. Ordonho de Celanova, *Vida de São Rosendo*, 19.

¹⁰⁴ Cf. Ordonho de Celanova, *Vida de São Rosendo*, 19.

¹⁰⁵ Estêvão de Celanova, *Vida de São Rosendo*, 43.

sobre o assunto. Dizia a tradição que tal pia baptismal se encontrava na referida igreja. Depois de muitas pesquisas infrutíferas, espreitando pelo buraco de um velho altar, vi uma pedra que poderia ser a veneranda relíquia. Assim o disse num jornal; mas veio à estacada um pároco a desmentir-me. Havia muitos anos que o reverendo paroquiava a freguesia e nunca encontrou vestígios de tal relíquia rodisindiana. Pouco tempo depois, durante umas obras, foi removido o altar e lá apareceu a pia baptismal, a confirmar a velha tradição e a probidade dum observador».¹⁰⁶

Desde muito cedo, São Rosendo foi um jovem que não empregou o seu tempo com as brincadeiras normais e próprias da sua idade, antes, e de um modo muito precoce, se entregou a aprender as letras e a estudar as Sagradas Escrituras. Também foi muito cedo que o nosso Santo recebeu as ordens sagradas sendo que era conhecido por ser um jovem que apresentava a sabedoria que seria característica de alguém muito mais velho e experiente nas lides da vida e do Senhor:

«Rosendo, desde a sua infância que não queria saber de brinquedos de crianças, nem das vaidades do mundo, mas meditava na lei de Deus dia e noite, e esforçou-se por segui-la, a tal ponto que dele podemos dizer que não deu o seu espírito a nenhum prazer [...] Aprendeu facilmente as letras e as artes liberais e adiantou muito nas Sagradas Escrituras, pois em idade juvenil mostrava o juízo dum ancião».¹⁰⁷

Tendo sido o século X, um tempo de definir fronteiras entre os reinos de Leão e Castela e da ocorrência de uma luta armada contra os invasores mouros, admite-se que São Rosendo terá recebido, ao longo da sua caminhada até à idade adulta, algum tipo de formação bélica, até porque nasceu no seio de uma família de elite militar. Neste sentido, numa obra de cariz divulgativo (mas não por isso menos recheada de informação interessante), podemos mesmo ler que: «São Rosendo soube pegar na espada e defender a terra do seu Rei, embora se tenha notabilizado, sobretudo, pela sua intensa atividade religiosa».¹⁰⁸

Mas não só em sabedoria e destreza militar se celebrizou São Rosendo. Ainda na sua adolescência já era conhecida a sua bondade, castidade e a sua misericórdia para com os pobres, de modo que as suas virtudes e a sua fama se propagaram lenta, mas seguramente, um pouco por todos os territórios da Hispânia; isto é, daquilo que hoje é. Em traços gerais, a Península Ibérica.¹⁰⁹

¹⁰⁶ J. A. Pires de Lima, “Santos da Porta”, *O Tripeiro*. Outubro de 1945, vol. 1, n.º 8, 134-135.

¹⁰⁷ Estêvão de Celanova, *Vida de São Rosendo*, 43.

¹⁰⁸ S. d., “São Rosendo”, em José Leite e António José Coelho (ed.). *Santos de Todos os Dias: Março* (Braga: Editorial A.O., 2005), 5-6.

¹⁰⁹ Cf. Estêvão de Celanova, *Vida e Milagres de São Rosendo*, 43.

2.1.1.- Pintura representativa da Anunciação e Batismo de São Rosendo

É chegada a altura de, nesta parte do nosso trabalho e antes de avançarmos mais na biografia de São Rosendo, fazermos um breve desvio por algumas imagens representativas de eventos já mencionados por nós. Assim, na igreja de São Miguel do Couto, atualmente sita na paróquia de Santo Tirso, está exposto, numa parede na Capela, um quadro (figura 2) relevante e interessante para a iconografia no nosso Santo. O quadro representa a anunciação do nascimento de São Rosendo por parte do Arcanjo São Miguel a Ilduara. Apesar do seu referido valor, trata-se, como é assaz comum nas produções pictóricas dessa altura, de uma obra de um autor desconhecido e, segundo os peritos, datada do século XVII.¹¹⁰



fig. 2 - Anúncio do nascimento de São Rosendo

Junto da imagem, é possível observar uma inscrição em latim que sai de junto do Arcanjo e que diz: «*habebis filium magnum coram Deo, et hominibus*», palavras que podemos traduzir do seguinte modo: «terás um grande filho diante de Deus e dos homens». Está ainda presente nesta pintura, em concreto no canto inferior esquerdo,

¹¹⁰ Cf. Raquel Sofia Araújo Lima, *A Redescoberta de S. Rosendo, um Santo Anterior à Formação de Portugal. Relatório de Estágio apresentado à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de Mestre em Conservação e Restauro de Bens Culturais*. (Porto: n.d., 2021), 3.

uma outra inscrição, «Embaixada do Arcanjo S. Miguel à Condessa Ilduara, do nascimento do menino Rozendo neste lugar junto à Vila de Salas», que talvez seja a legenda da pintura.¹¹¹

2.1.2.- Pintura representativa do Batismo de São Rosendo

Na parede da mesma igreja, e junto da anteriormente aduzida pintura da anunciação, está ainda outra obra (figura 3) que, embora em pior estado de conservação e mostrando um pendor artístico de menor importância – patente por exemplo no grande espaço vazio na parte médio-inferior da mesma, que pode dar a entender que fora concebida para estar por detrás de algo – faz certamente parte do mesmo conjunto narrativo. Uma pintura onde podemos observar, com claros anacronismos nas vestes, o batismo de São Rosendo, sendo que um pouco abaixo do centro da pintura está uma legenda que diz «Batismo de São Rosendo».¹¹²



fig. 3 - Batismo de São Rosendo

2.2.- SÃO ROSENDO, BISPO DE DUME-MONDONHEDO

Dume, atualmente pertencente à Diocese de Braga, Sé titular, é uma Diocese histórica da Galécia, perto de Braga e fundada ao redor de um mosteiro, que teve como

¹¹¹ Cf. Lima, 3.

¹¹² Cf. Lima, 6.

seu primeiro Abade e bispo São Martinho de Dume, emigrante para aí desde a sua terra natal, Panónia.¹¹³ Seguindo-se vários episcopados, por volta do ano 867, Sabarico, Abade-bispo de Dume abandona o mosteiro bracarense e refugia-se em Mondonhede, ficando a Sé desta igreja privada de prelado.¹¹⁴ Em 871 o Rei Afonso III das Astúrias doa a Diocese de Dume ao bispo de Mondonhede ficando, deste modo, o bispo deste último local com o título de bispo de Dume e de Mondonhede.¹¹⁵ Não muitos anos depois deste evento, entra São Rosendo para a História eclesiástica de Dume, e, assim, de Braga, do Norte do que é hoje Portugal e das zonas raianas a norte das fronteiras coevas entre tal país e a Espanha:

«O bispado de Dume vagou, e logo o clero e o povo sem divergências elegeram Rosendo, como espelho de virtudes que era, para seu bispo. Ele queria recusar, dizendo que era indigno de tal honra e não podia aguentar um tamanho encargo, pois que mal completara dezoito anos de idade. Mas, ante a insistência do clero e do povo, foi aconselhado por Deus a que aceitasse o cargo episcopal. Colocado no bispado, como uma grande luz sobre um candelabro, brilhou sobre a Igreja de Deus».¹¹⁶

No ano de 925, São Rosendo, é ordenado bispo, com apenas dezoito anos de idade, para servir a Sé de Dume como seu Abade-bispo. A escolha de São Rosendo para este cargo terá sido feita pela comunidade monástica de Dume, uma vez que o carisma episcopal e a dignidade abacial aí estavam interligadas, numa realidade que vigorava em Dume já desde a sua criação. Contudo, o povo apesar de poder aclamar Rosendo como novo Abade-bispo não tinha propriamente direito de voto. No entanto, a concordância do Rei terá tido um enorme valor para esse efeito.¹¹⁷

Além do mais, naquela época, a legislação canónica exigia aos candidatos ao episcopado uma evidente maturidade suficiente para o exercício das suas funções¹¹⁸. Contudo, e como vimos, Rosendo passou a ser bispo numa idade assaz precoce, pelo que a sua ascensão ao episcopado pode estar ligada a várias circunstâncias, que não

¹¹³ Cf. José Antunes, «Ensino. I. Época Medieval», em *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. 2, dir. Carlos Moreira Azevedo (Lisboa: Círculo de Leitores e Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2000), 111.

¹¹⁴ Cf. Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, vol. 1 (Porto: Portucalense Editora, 1967), 79.

¹¹⁵ Cf. F. Carvalho Correia e Álvaro Brito Moreira, *Monte Córdoba, Santo Tirso: Elementos para uma monografia* (Braga: Comissão Fabriqueira da Igreja de S. Salvador de Monte Córdoba, 2009), 113.

¹¹⁶ Estêvão de Celanova, *Vida de São Rosendo*, 45.

¹¹⁷ Cf. Correia e Moreira, *Monte Córdoba, Santo Tirso*, 115.

¹¹⁸ Cf. Correia e Moreira, 114.

apenas a sua também já mencionada maturidade.¹¹⁹ Limitar-nos-emos a referir alguns a seguir.

Desde logo, era oriundo de uma família com um grande poder em si delegado pelos Reis; depois, terá estudado em algum mosteiro beneditino local, de nós hoje desconhecido, onde adquiriu sólidos conhecimentos nas temáticas religiosas e estabeleceu contacto com importantes nobres benfeitores desse mosteiro; por fim era conhecida aos olhos de todos a suma das suas virtudes cristãs, e prova disso é a grandiosidade com que as pessoas se referiam à sua ação¹²⁰: restaurou igrejas, tratou bem os clérigos e, seguindo as indicações bíblicas, nunca deixou que viúvas, órfãos, estrangeiros ou peregrinos passassem por ele sem serem tratados honrosamente e monetariamente ajudados, fazendo sempre tudo isto com a sua própria herança.¹²¹ E isto manteve-se uma constante inclusive já enquanto bispo:

«cansado das pompas do mundo, e apeteendo a solidão, desejava de coração entregar-se todo a Deus. Entretanto, construiu alguns mosteiros, aos quais algumas vezes ia como a um porto seguro, e, depois de neles se ter entregado a exercícios espirituais, regressava aos cuidados do Episcopado».¹²²

Como vemos também do texto que acabámos de transcrever, apesar de ser um homem de cariz marcadamente inspirado por Deus, voltado para o bem do povo de Deus e ter procurado laborar para a restauração e edificação de diversos locais de culto que haviam sofrido com os anos de conflitos vividos nos locais onde era vigente a sua jurisdição eclesiástica, revela um temperamento propício à reclusão e a uma vida espiritual entendida como o estar em relação privada com Deus – algo que nunca descurou ao longo da vida.

O ano de 942 é usualmente referenciado como o final do seu episcopado de Dume-Mondonhedo, na atual Galiza, bem ao Norte da zona mais setentrional da nossa nação. No entanto, existe alguma controvérsia relativamente a esta data. Alguns autores, tal como López Ferreiro, referem o final do seu episcopado em tal diocese como tendo sido em 940. Contudo, Roberto Flórez, numa entrevista dada aos autores da obra que iremos indicar em rodapé, considera que isso só verificaria aquando da inauguração do mosteiro de Celanova, no ano de 942.¹²³

¹¹⁹ Cf. Correia e Moreira, 114.

¹²⁰ Cf. Correia e Moreira, 114.

¹²¹ Cf. Ordonho de Celanova, *Vida de São Rosendo*, 21.

¹²² Frei Estêvão de Celanova, *Vida e Milagres de São Rosendo*, 45.

¹²³ Cf. Flórez citado por Correia e Moreira, *Monte Córdoba, Santo Tirso*, 116.

2.3.- SÃO ROSENDO E CELANOVA

Como pôde ser constatado pela escassez de elementos por nós apresentados, muito pouco é conhecido sobre a obra episcopal mindoniense e dumienne de São Rosendo, devido à mingua de documentos que chegaram até aos nossos dias. Contudo, servindo-nos dos melhores trabalhos de alguns autores de relevo, sabemos bem mais sobre o seu labor monacal em Celanova.

São Rosendo terá fundado o mosteiro de São Salvador de Celanova, cito na atual província espanhola de Ourense e a não mais de 50 km a Norte de Montalegre, no período de tempo que vai de 936 a 942. A intenção de construir o mosteiro de Celanova surge a Rosendo, num momento em que o Santo procurava levar uma vida de solidão e contemplação, depois de ter deixado o solo portugalense e a Galiza livre da infidelidade dos pagãos e segura dos abusos de diversos povos que aí viam um espaço privilegiado para se dirigirem em campanhas bélicas ou de extorsão de bens e de dinheiro.¹²⁴ Ora vejamos como nos é descrito o momento dessa inspiração divina:

«Quando estava a rezar, foi-lhe revelado por Deus que edificasse um convento na cidadela de Vilar, perto do Lima, e, consagrando-o a S. Salvador, que levasse nele vida monástica. Tendo recebido esta revelação, o santo Bispo veio a Vilar, para ver o local que lhe fora indicado por Deus».¹²⁵

A cidadela de Vilar que é revelada, na hagiografia de São Rosendo, a este, era propriedade do seu irmão Froila, sendo que estoutro a havia herdado de seu pai que, por sua vez, outrora tinha sido obtida pelo avô deles, Hermenegildo, por parte do Rei Afonso III de Leão.¹²⁶ É neste preciso contexto que surge como oportuno realizarmos o próximo excerto – que reconhecemos longo, mas pertinente.

«Ofereço para tua [de Cristo] glória e honra do Teu nome e em remédio da alma de meus pais, Guterre e Ilduara, a vila de Vilar [...] situada na Galiza, em território de Bubalo, ao sopé do monte Laboreiro, nas margens do ribeiro de Sória, vila demarcada, à sua roda, por antigos marcos, com suas casas e seus recheios, com vinhas, pomares, terras cultivadas ou incultas, com suas entradas e saídas, com as suas águas e condutas, com os seus prados e lagos. De tudo faço inteira doação ao Senhor, e Salvador de todos os homens, em remédio das almas de meus pais, de forma a que, no dia do juízo, lhes sirva de recompensa a eles e a mim [...]. Recebi a mencionada vila inteira por herança de meus pais – tal como eles a tiveram, por concessão do Rei D. Sancho – e por uma outra escritura que me foi dada por sua irmã (a infanta) D. Ximena – [...], com esta condição: a de que, sob a vigilância e proteção do padre e meu irmão Rosendo, bispo, nela se construa um templo consagrado ao nome do Senhor, meu Salvador. E que, sob a direção do mesmo bispo se edifique um mosteiro, onde viva uma congregação monástica, a

¹²⁴ Cf. Ordonho de Celanova, *Vida de São Rosendo*, 23.

¹²⁵ Estêvão de Celanova, *Vida de São Rosendo*, 49.

¹²⁶ Cf. Ordonho de Celanova, *Vida de São Rosendo*, 23-25.

caminhar na senda da perfeição, sob a disciplina de uma regra [...]. Este lugar que até hoje foi conhecido com o nome de Vilar, será chamado doravante de Cela Nova».¹²⁷

Aquela Vila reunia as condições perfeitas para Rosendo colocar em prática o que tinha recebido na sua visão espiritual de cariz divino. Era um lugar que era da família – o que naturalmente tornava mais fácil a sua aquisição –, sendo que, além disso, era numa zona fértil e facilmente irrigada, o que fazia com que reunisse um conjunto de condições ideal para a edificação de um mosteiro.¹²⁸ De facto, os monges beneditinos, seguindo a primitiva Regra de São Bento, procuravam viver em comunidades relativamente fechadas ao exterior e autossuficientes, vivendo, por conseguinte, apenas com o que a terra lhes permitia criar, semear e colher, ainda que, por vezes também recebessem doações.¹²⁹

Seja como for e sem perder tempo, São Rosendo dá início à construção do mosteiro, e «em oito anos construiu-se tudo o que era necessário aos monges, ou seja, a igreja com a sacristia, o claustro com as celas, a sala do capítulo e o refeitório».¹³⁰ O mosteiro de Celanova tinha três capelas, uma em honra de São Salvador, outra em honra de São Pedro e outra em honra de São João, mas dentro da área do mosteiro São Rosendo ergueu, fazendo memórias das histórias que havia ouvido acerca do seu nascimento contadas pela sua mãe e avós, um templo dedicado a São Miguel Arcanjo.¹³¹ A capela de São Miguel Arcanjo, São Rosendo dedicou-a em homenagem ao seu irmão Froila, como expressão de memória agradecida pelo seu irmão lhe ter cedido uma parte da sua herança, que lhe permitira a construção deste mosteiro.¹³²

Com o mosteiro com as condições necessárias para habitação, São Rosendo deu início ao povoamento do cenóbio beneditino. Solicitou a vinda de monges de vários mosteiros, escolheu homens de boa vontade e de oração. Ou seja, escolheu os melhores que pôde e convidou-os a fazerem parte deste novo mosteiro. De entre estes homens congregou Franquilha, que era então Abade de San Esteban – localizado bem ao norte na

¹²⁷ Correia e Moreira, *Monte Córdoba, Santo Tirso*, 118.

¹²⁸ Cf. Ordonho de Celanova, *Vida e Milagres de São Rosendo*, 27.

¹²⁹ Cf. P. Miguel de Oliveira, *História Eclesiástica de Portugal* (Lisboa: União Gráfica de Lisboa, 1940), 72-73.

¹³⁰ Estêvão de Celanova, *Vida e Milagres de São Rosendo*, 49.

¹³¹ Cf. Correia e Moreira, *Monte Córdoba, Santo Tirso*, 155.

¹³² Cf. Correia e Moreira, 157.

atual província de Ourense –, para dirigir aquele mosteiro, confiando-lhe dessa forma a gerência total do mosteiro.¹³³

Franquilha era considerado um homem de santidade, virtuoso e preocupado com os que lhe eram confiados.¹³⁴ O próprio Rosendo irá crescer imenso em caridade e pobreza evangélicas a exemplo deste Abade, que desenvolveram a sua, já nossa índole espiritual que ficou patente logo depois da inauguração de Celanova, em que «a um Domingo, logo depois da inauguração, São Rosendo faria uma doação extraordinário de todos os seus bens, a favor do mosteiro e seus monges».¹³⁵

Depois da inauguração formal do mosteiro, São Rosendo proferiu um sermão, e no final deste profere umas palavras – que não nos parecem minimamente de circunstância – pelas quais mostra a confiança que deposita no Abade que escolhera:

«E, por isso, para glória do meu Redentor e em honra de todos os santos atrás mencionados, mandei construir um convento, nas fraldas do monte Laboreiro, no sítio que antes se chamava Vilar e, neste momento, Cela Nova. E, depois de o ter preparado, procurei oferecê-lo, por meio do servo de Deus, o Abade Franquilha, a quem escolhi para pai e reitor desta casa e de todos os que nela moram».¹³⁶

Já vimos que São Rosendo, aquando na inauguração de Celanova fizera uma extraordinária doação de bens pessoais. Todavia, depois do sermão aquando da inauguração de tal mosteiro, o Santo dotou o mesmo com bastantes bens, de forma a não faltar nada aos que habitavam no mosteiro, mas também de forma a auxiliar aqueles que estavam fora dele:

«coutos, prados, vilas, igrejas, mosteiros, manadas de gado, seda, ouro, marfim, joias, o botim de três gerações alcançado nas lutas e vitórias contra os mouros. [...] uma cruz de prata, guarnecida de ouro e pedras preciosas [...] um turíbulo de ouro, com a sua naveta correspondente [...] três cálices de prata lavrada, um dos quais com pedras preciosas; dez albas de linho; dez casulas de seda. [...] Depois, os livros litúrgicos e de edificação: o *Liber Ordinum*, o *Saltério*, dos *Antifonários* [...] cem cabeças de gado cavalariço, mais cento e cinquenta éguas. [...] E todos os rebanhos de ovelhas, cabras e porcos, e todos os enxames de abelhas, e todas as aves que se encontrarem na área dos terrenos mencionados, que ofertou ao mosteiro, sejam para alimento dos frades, dos pobres, dos hóspedes, e dos peregrinos que se acolham a esta casa».¹³⁷

É a continuação destes eventos, que São Rosendo, há muito tempo desejoso, como já vimos, de habitar no silêncio de uma vida solitária, agora no mosteiro por ele

¹³³ Cf. Emilio Duro Peña, *El Monasterio de San Esteban de Ribas de Sil* (Ourense: Instituto de Estudios Orensanos «Padre Feijoo» de la Diputación Provincial, 1977), 26.

¹³⁴ Cf. Estêvão de Celanova, *Vida e Milagres de São Rosendo*, 49.

¹³⁵ Correia e Moreira, *Monte Córdoba, Santo Tirso*, 119.

¹³⁶ Correia e Moreira, 163.

¹³⁷ Correia e Moreira, 163-164.

construído, em 942 (ano em que Flórez, na entrevista a que já nos referimos, considera ter sido a inauguração do mosteiro de Celanova),¹³⁸ ele mesmo «depondo a pompa episcopal, tomou o hábito religioso»¹³⁹ e dentro do mosteiro, embora não fosse o seu Abade, procurava que todos os frades caminhassem para a perfeição evangélica pois esse era, na verdade, o objetivo máximo para o Santo: o crescimento naquele amor incondicional e gratuito que nos aproxima da santidade do Deus-Amor.

Contudo, e apesar de viver no mosteiro não tinha abandonado as funções que tinha fora daqueles muros, e, como governador daquela zona da Galiza, esforçou-se por criar outros mosteiros, alguns desde a sua origem e outros apenas a nível da sua reconstrução, por exemplo: em Samos; em Caaveiro, perto de Pontedeume; e com a sua família nos de São Salvador e Santa Maria de Loyo e também em Carboeiro, hoje um território de Pontevedra.¹⁴⁰ Nesse trabalho também pode contar com a ajuda do tão honrado Abade Franquila: «era de grande ajuda o Abade Franquila, com outros clérigos de vida prática e santa».¹⁴¹

Aquando da morte destoutro Abade, São Rosendo, sem perder as funções episcopais, assume o cargo de Abade por eleição e pedido insistente dos demais monges.¹⁴² A exemplo de um tamanho feito, genuinamente evangélico, muitos bispos deixaram os seus cargos e acorreram a Celanova doando o que possuíam e doando-se eles também a uma vida de solidão e de oração nesse local de busca de santidade.¹⁴³

A pedido do Rei Ordonho III de Leão, interrompe, com grandes reservas e renitências, a sua estadia para assumir a função de Conde, como haveria sido o seu avô Hermenegildo e o seu pai. Nessa condição e sempre cumprindo ordens do Rei seu senhor, adota o governo das terras que tinham sido governadas pelo seu pai. Em concreto: as terras que vão de Rio Caldo, nas atuais Terras de Bouro, até Ortigueira, bem junto ao Mar Cantábrico, no centro quase mais a norte da Galiza.¹⁴⁴

Acerca disto, pode transcrever-se, da carta régia de comisso que o torna governador por nomeação régia, as seguintes palavras:

¹³⁸ Cf. Flórez citado por Correia e Moreira, *Monte Córdoba, Santo Tirso*, 116.

¹³⁹ Estêvão de Celanova, *Vida de São Rosendo*, 49.

¹⁴⁰ Cf. L. Pérez López, «San Rosendo: obispo de Mondoñedo e Iría, reformador del monacato y pacificador de Galicia», *Nalgures*, vol. 3 (2006), 304-305.

¹⁴¹ Estêvão de Celanova, *Vida e Milagres de São Rosendo*, 51.

¹⁴² Cf. «Rosendo é eleito abade pelos monges, ficando detentor das funções abaciais, mas sem perder as episcopais»: Ordonho de Celanova, *Vida de São Rosendo*, 29.

¹⁴³ Cf. Ordonho de Celanova, *Vida de São Rosendo*, 29-31.

¹⁴⁴ Cf. Correia e Moreira, *Monte Córdoba, Santo Tirso*, 121.

«Em nome de Cristo, Eu, o Rei Ordonho, a vós, padre e Bispo D. Rosendo, saúde no Senhor. Por esta carta e pela nossa autoridade, Vos damos e concedemos o poder e a defesa da governação de que fora incumbido o vosso pai de feliz memória, Guterre Mendes, desde Valdeorras até Rio Caldo, tal como a teve o nosso tio e vosso cunhado Ximeno Dias, assim como do cargo tinham usufruído os vossos sobrinhos de infeliz memória, Gonçalo e Vermudo, o que, pela sua infidelidade e pelo seu crime, lhes foi retirado.

Passamos, pois, para Vossa Paternidade as funções destes celerados, tanto quanto de seus pais lhes coubera em todo o seu reino, de forma que possais fazer o que a vossa consciência vos indicar (...). Tudo aquilo que agora acrescentamos ao que, há pouco ainda, vos demos por carta de comisso tudo, confirmado pela nossa autoridade, o exerçais em nosso nome e, com plenos poderes, o realizeis em nosso proveito. Estes poderes, que sempre estiveram nas mãos da vossa família, vos sejam, pelo nosso poder e mandato, conferidos até ao mar e, querendo Deus, de forma irrevogável. E ordenamos que ninguém ouse perturbar o exercício deste poder.

19 de Maio de 955
[Sinal de Ordonho]». ¹⁴⁵

Fruto desta dupla vertente, de bispo e de guerreiro, o Santo é representado numa estátua situada em frente à Câmara de Santo Tirso, realizada pela notável escultora Irene Vilar (figura 4).



fig. 4 - Estátua de São Rosendo

Em 966, a Diocese de Iria (em Compostela) vê-se a atravessar por uma situação confusa e obscura. O seu bispo era Sisnando, mas era sabido que, por diversos motivos decorrentes do seu carácter, sempre descuidou das suas funções no breve período em

¹⁴⁵ Correia e Moreira, 122.

que esteve à frente dessa Diocese (964 a 966). Fruto disso, foi mandado prender por Sancho I de Leão e substituído por Rosendo. Durante o período da prisão de Sisnando, São Rosendo, com as reservas próprias de alguém como a pessoa que já vamos podendo conhecer, ausentou-se do mosteiro de Celanova a pedido do Rei para ocupar as funções exercidas por aqueloutro:

«A Igreja Apostólica Compostelana era dirigida por Sisnando, parente de Rosendo. Este Sisnando, inclinado aos divertimentos, excessos e vaidades, pouco se importava de cuidar do seu dever. Mais ainda, tinha sido acusado de mau comportamento pelo povo e pelo clero e pelos nobres ao Rei Sancho. O Rei, depois de uma advertência, encarcerou Sisnando, e, com o assentimento do clero e do povo, substituiu-o por Rosendo, para que ele suprisse às transgressões do seu parente. Ele não queria aceitar o novo bispado. Mas o Rei, com os magnates, lutou, até que ele consentiu e aceitou».¹⁴⁶

O episcopado de Rosendo em Iria demoraria pouco mais de um ano, pois quando faleceu Sancho I de Leão, Sisnando logrou regressar à sua posição episcopal em Iria.¹⁴⁷ É de observar que nos cruzámos com diversas fontes indiretas que referem que o prevaricador não teria sido Sisnando, mas, isso sim, Aires Nunes, bispo de Dume-Mondanhedo. Sendo assim, a situação passou-se dez anos antes da relatada anteriormente. Junto com alguns nobres, Aires Nunes terá conspirado contra o Rei Sancho I. Segundo estas fontes, tendo dominado a revolta, o monarca encarcerou os culpados no cenóbio de Caaveiro. A pedido do Rei, São Rosendo deixou Celanova para retomar a igreja mindoniense entre 955 e 958. Após este período, a situação política acalmou, o que permitiu o regresso de Aires Nunes à Diocese e o de São Rosendo a Celanova.¹⁴⁸

Enquanto estava à frente da Diocese de Iria-Compostela, na ausência do Rei Sancho I de Leão, a Galiza era invadida, pelo mar, pelos Normandos e, por seu lado, o território de Portocale sentia a devastação dos Mouros. A este respeito, regista-se que nesse contexto São Rosendo terá combatido os Normandos, desempenhando uma tarefa que desde as migrações germânicas para o Ocidente, e prolongando-se por alguns séculos ainda até à expulsão das tropas invasoras maometanas, fora desempenhada por não poucos bispos: a de ativos governadores militares:

«estuvo estrechamente emparentado con todos los reyes del siglo X; que pontificó primero en Mondoñedo durante un cuarto de siglo [925-950] y luego nada menos que en

¹⁴⁶ Estêvão de Celanova, *Vida de São Rosendo*, 45.

¹⁴⁷ Cf. Estêvão de Celanova, 47.

¹⁴⁸ Cf. Correia e Moreira, *Monte Córdoba*, 125.

la emblemática silla de Iria-Santiago [968-977] y, además, en unos años críticos para la seguridad del reino».¹⁴⁹

A história compostelana cita São Rosendo quando fala da invasão Normanda, mas oculta qualquer intervenção que o Santo tenha realizado no combate a estes invasores. Contudo, na sua “*Vita*” é referido¹⁵⁰ que São Rosendo tem uma participação ativa que conduz à expulsão dos Normandos:

«Neste tempo, na ausência do Rei, a Galiza era invadida pelos Normandos e Portucale devastado pelos Mouros. Rosendo, tendo reunido um exército, confiando mais na misericórdia divina do que em si e repetindo o versículo do Salmo “Estes põem a sua força nos carros, e aqueles nos cavalos, mas nós invocaremos o nome do Senhor nosso Deus” – foi ao encontro dos Normandos e dos Mouros; com a ajuda de Deus, expulsou os Normandos da Galiza; e de tal modo reprimiu os Mouros que os forçou a conterem-se nas suas fronteiras».¹⁵¹

Algo de semelhante aconteceu nas fronteiras a Sul, já não contra os Normandos, mas, como se apontou de passagem, face às violentas e bárbaras incursões militares dos sarracenos, sendo, assim, reconhecido o seu papel como libertador da pátria portugalense dos perigos de tais incursões. Ora vejamos a seguinte citação que ilustra isto mesmo que tentámos apontar:

«los musulmanes intentaron penetrar en Galicia por el sur, pero fueron rechazados por San Rosendo; mostrándonos así que fueron realmente los obispos gallegos, más que los reyes de León, los que defendieron el territorio gallego de los ataques normandos; teniendo que convertirse en aguerridos prelados, “señores de horca y cuchillo más que de mitra e hissopo”».¹⁵²

Por volta do ano de 967 São Rosendo regressa definitivamente ao mosteiro de Celanova como um simples monge, dedicando-se totalmente ao exercício do cumprimento da sua vocação, convertendo-se, para todos, um exemplo notável, tanto pelas suas palavras, como pelo seu modo de vida.¹⁵³ Aí mesmo morreu a 1 de março de 977: «regressando ao seu mosteiro, morreu lá, tendo previsto o seu próprio fim, a 1 de

¹⁴⁹ Manuel Carriedo Tejedo, «La «Biblioteca» de San Rosendo [1665-2015]: Relación de Autores», *Rudesindus*, n.º 11 (2018), 41.

¹⁵⁰ Cf. André Evangelista Marques, Mário Jorge Barroca e Luís Carlos Amaral: «As Incursões Vikings no Norte de Portugal», em *Mil Anos da Incurção Normanda ao Castelo de Vermoim*, coord. Mário Jorge Barroca e Armando Coelho Ferreira da Silva (Porto: CITCEM, 2018), 170.

¹⁵¹ Estêvão de Celanova, *Vida de São Rosendo*, 45-47.

¹⁵² Fernando Alonso Romero, «La Navegación e Itinerario del Ejército Normando de Gunderedo», em *Mil Anos da Incurção Normanda ao Castelo de Vermoim*, coord. Mário Jorge Barroca e Armando Coelho Ferreira da Silva (Porto: CITCEM, 2018), 81.

¹⁵³ Cf. Ordonho de Celanova, *Vida de São Rosendo*, 29.

Março de 977»,¹⁵⁴ tendo sido «enterrado na capela do mosteiro com o nome de São Pedro, onde permaneceu até ao ano de 1191».¹⁵⁵

2.4.- A CANONIZAÇÃO DE SÃO ROSENDO

Como se poderá saber, a canonização é um ato solene pelo qual um Papa proclama um servo de Deus “Santo” e, a partir desse momento, torna-se possível o seu culto na comunidade cristã. Daí em diante é muito comum a invocação de orações, o principiar do erigir-se capelas, igrejas e o pintar-se imagens em honra desse servo, que passa a ser apresentado pela Igreja um exemplo de perfeição nas virtudes a seguir.¹⁵⁶

O Cardeal Jacinto Bobone Orsini, legado naquela altura da Sé Romana na Península Ibérica, canonizou Rosendo para toda a Espanha, pois, como Cardeal agia em grau menor e não podia abarcar a universalidade de toda a Igreja. Esta primeira canonização acontece em 1172 e, se quisermos evocar um paralelismo bem mais nosso conhecido nos dias de hoje, foi equivalente a uma beatificação.¹⁵⁷

Na Bula da primeira canonização, o Cardeal Jacinto Bobone Orsini apresenta as razões desta canonização através de um discurso em que atribui mérito a São Rosendo, tanto pelas palavras que proferia em vida, como pelos milagres que fazia estando no seio do Pai e que o Cardeal reconhece. Além disso, menciona que eram muitos e sólidos os testemunhos que enumeravam as virtudes do Santo. Dessa forma, o Cardeal quer colocar Rosendo no “Catálogo dos Santos”, contado entre os eleitos que, depois da morte biológica, passaram a estar vivíssimos em Deus.

A bula refere de forma muito breve alguns exemplos de milagres realizados, operados por Deus através daquele homem. Menciona ainda aspetos como a transladação do corpo do Santo, a ordem de os bispos das Dioceses próximas anunciarem todos os anos a solenidade de São Rosendo e promete que todos os que participassem naquela celebração teriam um ano de indulgência.¹⁵⁸

¹⁵⁴ «Ritornato al su monastero, vi morí, dopo aver preannunziato la propria fine, il 1º marzo 977»: Justo Fernández Alonso, «Rudesindo», em *Bibliotheca Sanctorum* (Roma: Instituto Giovanni XXIII, 1968), 453.

¹⁵⁵ «Sepolto nella cappella del monastero intitolato a S. Pietro, dove rimase fino al 1191»: Justo Fernández Alonso, “Rudesindo” 453.

¹⁵⁶ Cf. Correia e Moreira, *Monte Córdoba, Santo Tirso*, 173.

¹⁵⁷ Cf. Correia e Moreira, 173.

¹⁵⁸ Cf. Correia e Moreira, 173-183.

Jacinto Bobone Orsini virá a ser ordenado Papa com o nome de Celestino III em 1191, cargo que exerce até à sua morte em 1198,¹⁵⁹ tendo canonizado vários Santos durante este período. Entre estes, canoniza São Rosendo pela segunda vez em 1195, agora com alcance para todo o mundo cristão, devido ao seu poder espiritual de Soberano Pontífice.

«Ora, em carta autêntica que publicámos, a propósito da sua glorificação e da sua canonização, escrevemos alguns dos seus milagres, nos quais se refletiram as suas virtudes e pelas quais se tornou exemplo para os outros. Transcrevemo-los aqui, na íntegra, para maior glória do santíssimo bispo. [...]

Aquilo que, a conselho e instância das pessoas citadas, então fizemos quando constituídos em poder de força menor, agora elevados pela graça de Deus, a um lugar mais elevado, depois de uma prudente deliberação, e para que aquela decisão obtenha maior força e vigor, confirmamo-la, com a nossa autoridade apostólica, e consolidamo-la, com a publicação do documento atual».¹⁶⁰

Deparamo-nos, por conseguinte, por dois atos distintos por parte de Jacinto Bobone Orsini, não pela natureza do ato, porque o primeiro foi o equivalente a uma simples permissão do culto de um servo de Deus, mas pelo grau de autoridade com que exerce nos dois atos. Em concreto: na primeira intervenção (Bula de 1172), na posição de grau menor, enquanto legado pontifício para Espanha e na qual se pode ler «queremos, sem hesitação, inscrevê-lo no catálogo dos Santos e que, contado entre os eleitos, contemple o rosto de Jesus Cristo»;¹⁶¹ na segunda (Bula de 1195), já como Papa (Celestino III) de toda a Igreja,¹⁶² onde já se lê: «queremos que seja colocado em lugar digno e eminente e que seja venerado como Santo, na terra, por todos os fiéis».¹⁶³

São Rosendo, como já vimos, fora sepultado na igreja de São Pedro, no mosteiro pré-românico de Celanova. Todavia, os seus restos mortais foram levados dessa capela, aquando da primeira canonização, para uma outra capela e depositados num jazigo de pedra, erguido sobre quatro colunas. Supõe-se que terá havido uma divisão dos sagrados despojos, «com o crânio levado para Roma e outras relíquias para o mosteiro de Santa Maria de Tomiño».¹⁶⁴

¹⁵⁹ Cf. Correia e Moreira, 173.

¹⁶⁰ Correia e Moreira, 185.

¹⁶¹ APUD Francisco Carvalho Correia, «S. Rosendo: vida e acção pastoral de um santo tirsense», in Maria Helena da Rocha Pereira; Francisco Carvalho Correia e Álvaro de Brito Moreira, *S. Rosendo (907-2007)* (Santo Tirso: Câmara Municipal, 2010), 138. [99-211]

¹⁶² Cf. Correia e Moreira, *Monte Córdoba, Santo Tirso*, 174.

¹⁶³ APUD Francisco Carvalho Correia, «S. Rosendo: vida e acção pastoral de um santo tirsense», 138.

¹⁶⁴ Correia e Moreira, *Monte Córdoba, Santo Tirso*, 174.

Em 1601, no aniversário do seu *dies natalis*, altura em que Frei Cláudio Tenório presidia ao mosteiro de Celanova, as relíquias de São Rosendo foram colocadas dentro de uma arca de prata, que se colocaria no altar-mor da igreja do convento. A arca é obra do ourives Juan de Nápoles Mudarra (artesão da corte e «considerado [el] introductor del Manierismo escurialense en la orfebrería gallega»¹⁶⁵), e contém uma inscrição na qual, ainda hoje, se consegue ler:

«aquí descansam os ossos de Rosendo, insigne prelado, padroeiro e fundador desta casa. O Reverendo Padre Mestre Frei Cláudio Tenório, prelado deste mosteiro, aqui os depositou, no dia 1 de Março de 1601. Autor desta obra João de Nápoles, morador em Valladolid».¹⁶⁶

Numa das faces da arca estão esculpidas quatro cenas da vida e milagres de São Rosendo referentes: ao anúncio do arcanjo São Miguel a Ilduara; à mudança miraculosa da fonte batismal para a interior da igreja onde o Santo foi batizado; o acontecimento da audição da missa cantada por um anjo, no caminho, quando demorado se dirigia ao seu mosteiro; e a unção e ressurreição de uns pedreiros, que tinham falado palavras contra Rosendo quando este estava numa visita à sua prima Santa Senhorinha em Vieira.¹⁶⁷

2.5.- SÃO ROSENDO, MODELO DE FÉ E IMPULSIONADOR DO MONACATO

São Rosendo recebeu os rudimentos da sua fé, já depois do seu Batismo, num lar cristão, os seus pais iniciaram-no na fé, pois também eles eram cristãos, comprovamos isso, pela devoção que Ilduara tinha nas peregrinações que fazia na esperança de que Deus lhe permitisse ter filhos. Portanto, podemos supor que, Ilduara teve uma influência particular na caminhada espiritual de Rosendo. «la familia de San Rosendo fue un ejemplo vivo de lo que debe ser todo hogar cristiano: una pequeña Iglesia, la Iglesia doméstica, que vive la fe y la transmite con generosidad».¹⁶⁸

Desde cedo educado com o seu tio-avô Sabarico II, bispo em São Martinho de Mondonhedo, aprofundou os fundamentos da sua fé e tentou harmonizar a sua vida de fé com o conhecimento humano que aquela altura lhe oferecia, tendo em conta o seu tempo na história: «la fe de S. Rosendo es, además, una fe vivida como monge y obispo. No es sólo ni principalmente teorías o doctrinas aprendidas. Es fruto de un encuentro

¹⁶⁵ María Dolores Vila Jato, “La orfebrería”, em *Galicia: Arte* (A Coruña: Editorial Hércules, 1993), 395. [375-403]

¹⁶⁶ Correia e Moreira, *Monte Córdoba, Santo Tirso*, 175.

¹⁶⁷ Cf. Correia e Moreira, 175.

¹⁶⁸ Manuel Sánchez Monje, «San Rosendo y las raíces de nuestra fe», *Rudesindus* vol 6 (2013), 36.

personal con Jesucristo, su persona y su mensaje, que le cautivan y se constituyen en el centro de su vida entera».¹⁶⁹ Rosendo esforça-se por viver em coerência com a fé que professa, procura testemunhá-la pela Galiza, tornando-se um modelo de fé vivida e propagada.¹⁷⁰ O seu papel como “restaurador” e estimulador de mosteiros, são, como já vimos no capítulo anterior, também um exemplo de testemunho da sua fé. Ele reforma alguns mosteiros e encoraja os familiares e outros nobres a fazer o mesmo, a fim de renovar a antiga Galécia a partir de uma realidade monástica totalmente renovada:

«San Rosendo fue, de hecho, un auténtico referente familiar y humano para todos sus directos familiares, pero no sólo por sus relaciones biológicas con la familia real (que también tuvieron sus propios hermanos, mucho menos significados que él), sino por su propia valía humana, lo que le convirtió desde su infancia en el centro de la atención de muy variados e importantes personajes (obispos y nobles), entre los cuales sus propios parientes, hasta el punto de alcanzar en 925 la dignidad episcopal a la desacostumbrada edad de 18 años, que ostentó luego durante algo más de medio siglo hasta 977».¹⁷¹

Podemos deduzir, que o grande sonho de Rosendo era Celanova e, a partir daí, dar uma nova forma e carácter ao monaquismo e à igreja galega em geral. Celanova é o resumo da reconquista interna da Galiza da época de Hermenegildo. Mas nem tudo é Celanova, São Rosendo faz parte de uma família que lhe deixou para trás um grande caminho de fundações monásticas, mesmo fora das fronteiras dos limites da geografia da antiga Galécia: «pertenencia a una familia de obispos repartidos a lo largo de todo el siglo X, no cabe olvidar tampoco que nuestro santo perteneció ante todo a una familia nobiliaria com múltiples conexiones colaterales que establecieron estrechos lazos de parentesco entre todos los grandes magnates “galaicos” del siglo X».¹⁷²

As suas importantes ligações políticas com as altas esferas da monarquia asturiana e leonesa contribuíram para que o nosso Santo e a sua família fossem os grandes representantes da restauração espiritual da Galiza. Devemos a São Rosendo, de facto, um importante ímpeto monástico¹⁷³ e uma fundação monástica tão importante como Celanova. Desta forma, e recordando o dito em *1Jo.* 4,16b – «Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele» –, parece-nos que a vida de São Rosendo é uma vida alicerçada no amor de Deus.

¹⁶⁹ Monje, «San Rosendo y las raíces de nuestra fe», 36.

¹⁷⁰ Cf. Monje, «San Rosendo y las raíces de nuestra fe», 36.

¹⁷¹ M. Carriedo Tejedo, «La familia de San Rosendo», *Estudios Mindonienses*, vol. 23 (2007): 110.

¹⁷² Tejedo, «La familia de San Rosendo», 115-116.

¹⁷³ Cf. Tejedo, 113-114.

Capítulo 3: Perfil, Legado e Culto de São Rosendo

Falar da Galiza no século X é necessariamente também apresentar a figura de São Rosendo como uma personagem que desenvolve vários papéis em torno do mesmo assunto. Com efeito, destaca-se como bispo, como governador, pacificador da Galiza e, sobretudo, como Abade. A faceta que melhor descreve a personalidade de São Rosendo e que melhor encarna o seu ideal no tempo é a de monge; um monge que não deixa de estar ligado às suas raízes, mas que sente a necessidade do retiro espiritual e a quem, por isso, se deve a fundação de um dos mais importantes mosteiros galegos: o de Celanova. Mosteiro este que sem dúvida alguma é um dos mais significativos centros simbólicos de uma Galiza reconquistadora e pacífica.¹⁷⁴

Num mundo de alguma obscuridade, São Rosendo é, a nosso entender, a figura mais importante da Galécia Alto Medieval, sendo que o seu trabalho é de tal forma notável que ilumina, nessa região, diretamente todo o século X e indiretamente, e pelo menos, os séculos imediatamente posteriores a si: «colocado no bispado, como uma grande luz sobre um candelabro, brilhou sobre a Igreja de Deus».¹⁷⁵ Observando a figura de São Rosendo, e tendo em conta os cenários descritos nos capítulos anteriores desta Dissertação, podemos agora apresentar o seu perfil de pastor, abordando as áreas de ação em que ele teve um papel relevante, dando um enorme contributo para o século em que viveu e um impulso que deu para os anos que o sucederam. Também as preocupações que o inquietam e o levam a agir são para nós um contributo para entendermos o quadro histórico da Galiza Alto Medieval.

Dito isto, nunca nos foi alheia a incessante vontade de compreender a razão que levou São Rosendo a querer construir o grandioso Mosteiro de Celanova, que se tornou um dos mais importantes monumentos daquela altura na Galiza. Mas não só: questionamo-nos ainda sobre qual a razão de o culto de São Rosendo não ter sido mais difundido ao longo da história, uma vez que é um Santo que, pela sua história de vida –

¹⁷⁴ Cf. Hipólito de Sá Bravo, «San Salvador de Celanova», em *Monasterios de España*, 2ª ed. (Leão: Editorial Everest S.A., 1988), 282.

¹⁷⁵ Estêvão de Celanova, *Vida de São Rosendo*, 45.

nos prende à leitura da mesma –, apresenta um notável trabalho físico e espiritual eclesiástico que, a seu tempo, contribuíram para a fundação de Portugal.

3.1.- PERFIL DE PASTOR

São Rosendo é, como já vimos, uma figura que se situa no século X galego. Tempo e região acerca dos quais os documentos não abundavam e em que, infelizmente, muitos documentos não chegaram até nós. Já o sabemos: «São Rosendo, bispo de Dume e de Mondonhede, fundador do mosteiro de Celanova, parece ter exercido uma influência considerável sobre a vida monástica galega durante o século X». ¹⁷⁶ Mas era importante termos tido a oportunidade e o ensejo de ter em nossas mãos mais fontes contemporâneas, ou um pouco subsequentes, a si para que este trabalho alcançasse um outro patamar mais expressivo do nosso interesse em São Rosendo. Mas são estas as contingências da vida e é a partir delas que faremos o nosso melhor, também com a ajuda do nosso Orientador e amigo, o Professor Alexandre Freire Duarte.

Pois bem, no tempo e local da vida do nosso Santo, o ensino nas, já de si relativamente poucas, escolas monásticas não era elevado: aprendia-se o alfabeto, estudava-se o saltério e aprendia-se a escrita e a leitura – algo que, tal como dissemos há momentos, apesar de não ser propriamente elevado, já era uma formação importante para aquele tempo. ¹⁷⁷ De modo que, ao falar da formação escolar inicial de São Rosendo, temos de nos basear mais em probabilidades – e não só possibilidades –, do que em dados históricos diretos. Posto isto, e tal como vimos no seu eido adequado, é perfeitamente natural que quando precisamos de falar da vida escolar, e também espiritual, de São Rosendo, seja justo e adequado afirmar que os seus primeiros educadores foram os seus pais, de forma especial a sua mãe. Acerca disto, o seu mais importante biógrafo, Ordonho de Celanova, refere na sua “*Vida e Milagres de São Rosendo*” que

«Rosendo, desde a sua infância que não queria saber de brinquedos de crianças, nem das vaidades do mundo, mas meditava na lei de Deus dia e noite, e esforçou-se por segui-la, a tal ponto que dele podemos dizer que não deu o seu espírito a nenhum prazer [...] Aprendeu facilmente as letras e as artes liberais e adiantou muito nas Sagradas Escrituras, pois em idade juvenil mostrava o juízo dum ancião». ¹⁷⁸

¹⁷⁶ José Mattoso, *Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa* (Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1982), 441.

¹⁷⁷ Cf. Mattoso, *Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa*, 365.

¹⁷⁸ Estêvão de Celanova, *Vida e Milagres de São Rosendo*, 43.

Frei Estevão de Celanova, na mesma obra conjunta citada anteriormente, conta-nos, conforme vimos, que o Santo foi um jovem que nasceu com um caráter particular e que desde cedo entregou o seu tempo ao estudo das letras e da Palavra de Deus. E rapidamente – dando provas da sua castidade, da sua humildade e da sua caridade – recebeu a graça de acolher as ordens sagradas. Depois da meninice, foi criado sob a orientação do seu tio Sabarico, bispo de Mondonhedo, o qual ajudou o nosso Santo a formar-se e a preparar-se numa educação madura e fortalecida de fé¹⁷⁹:

«La biografía de San Rosendo debe ser conocida por todo buen galego, por tratarse de uno de tantos hombres providenciales con que nos encontramos en la historia de los pueblos. Galicia tiene en San Rosendo no sólo al monje, fundador de los Monasterios de San Juan de Caabeiro y San Salvador de Celanova, sino también al celoso y ejemplar obispo».¹⁸⁰

Mas a sua biografia não deve ser bem conhecida apenas por todos os galegos, também deve ser igualmente bem explorada por todos os portugueses, uma vez que o São Rosendo nasce em território atualmente português e o seu papel enquanto bispo foi importante na defesa de parte desta terra, a que hoje chamamos Portugal, contra os invasores.

3.1.1- Perfil de Pastor como Bispo

Ficando a Sé de Dume vacante, São Rosendo «sucedeu a Savarico, que era seu tio. Intitula-se várias vezes, como ele o faz também, bispo dumense, e isto significa que podia ter tido consciência das obrigações que o cargo lhe impunha»¹⁸¹, sendo que presidiu à diocese de Mondonhedo, com o título de bispo de Dume e de Mondonhedo: «O bispado de Dume vagou, e logo o clero e o povo sem divergências elegeram Rosendo, como espelho de virtudes que era, para seu bispo. Ele queria recusar, dizendo que era indigno de tal honra e não podia aguentar um tamanho encargo, pois que mal completara dezoito anos de idade».¹⁸²

Estando à frente desta diocese, procura, o nosso Santo Pastor, presidir a esta Igreja com: a bênção do Senhor para o seu povo e a confiança deste mesmo povo – incluindo os mais simples, sim, mas igualmente os nobres e Abades. Deste modo, sempre pediu ao Senhor a paz para a sua Igreja, esforçando-se, além do mais e com um espírito

¹⁷⁹ Cf. Estevão de Celanova, *Vida de São Rosendo*, 44.

¹⁸⁰ Hipólito de Sá Bravo, *El Monacato en Galicia*, vol. 2 (Vigo: Editorial LIBRIGAL, 1972), 131.

¹⁸¹ Mattoso, *Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa*, 39.

¹⁸² Estevão de Celanova, *Vida e Milagres de São Rosendo*, 45.

empreendedor notável auxiliado pelas verbas a si dotadas pela sua família, restauros consideráveis de mosteiros e igrejas que necessitavam de ser reconstruídas.¹⁸³ Não deixam de ser, a este mesmíssimo propósito, raramente elucidativas, as palavras do grande historiador José Mattoso:

«Em 927, ocupa posição especial na junta de bispos e abades que restaura Santa Maria de Loyo. Assume lugar de relevo junto do bispo de Lugo na dotação do mosteiro de Caabeiro em [936]. Preside à reunião que instituiu como abade de Samos o monge Adelfio, antes de 928. Consagra o mosteiro de Carboeiro, e nomeia o seu primeiro abade em 938. Recebe de um sínodo episcopal em León o encargo de entregar o mosteiro de Santa Comba ao monge Odoíno, sob a autoridade da abadia de Celanova, por volta do ano 950. É encarregado por Ximeno e Ausenda de fundar um mosteiro na região de Salnés em 951. Funda, com o propósito de criar uma comunidade exemplar, o mosteiro de Celanova, em 942. Consagra o mosteiro de Guimarães em 959».¹⁸⁴

Sendo um homem de linhagem real, habitava no meio da nobreza civil daquele tempo, um meio que, por vezes e como tantas vezes se verificou ao longo da história, se mostrava pouco motivado à prática da caridade e à preocupação com os demais, sobretudo os mais desfavorecidos, senão como meio de ganhar – por uma mercantilismo espiritual totalmente alheio à gratuidade do amor cristão e da mensagem dos Evangelhos – méritos egoístas para o céu. Desta forma, um dos empenhos de São Rosendo passa por apostar numa reforma do pensamento destes homens de poder, aconselhando-os e levando-os, através do seu exemplo, a adotar um comportamento mais humanitário, notavelmente com os escravos.¹⁸⁵ Merece ser aqui novamente citado o venerando professor José Mattoso:

«Todavia, há razões para crer que foi precisamente durante a vida de S. Rosendo que se obliterou a tradição da autoridade do bispo de Dume-Mondoñedo sobre os mosteiros da Galécia. Deve ter contribuído para esta evolução o facto de ele ter desempenhado funções políticas importantes e estar aparentado com a alta nobreza e a família real. Com efeito, residindo em Celanova e continuando, por vezes, a intitular-se bispo dumiense, deve ter aparecido aos olhos dos contemporâneos pouco familiarizados com as tradições monásticas antigas, como detentor de uma autoridade excepcional, devido à projecção do seu nome e às suas qualidades pessoais».¹⁸⁶

São Rosendo era muito humanitário, não só porque era um homem do Deus-Amor que Se fez Homem para promover o ser humano até Si, mas também porque, desde a mais tenra meninice, já demonstrava essas qualidades, que, a nosso entender, traduzem aquilo que compreendemos como um verdadeiro líder e pastor:

¹⁸³ Cf. Bravo, «San Salvador de Celanova», 286.

¹⁸⁴ Mattoso, *Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa*, 39-40.

¹⁸⁵ Cf. Mattoso, 39-40.

¹⁸⁶ Mattoso, 40-41.

«Contemplar a figura de São Rosendo é olhar para a pessoa de um monge e bispo que promoveu a santidade, que se entregou com exuberante generosidade ao seu ministério evangelizador, superando as dificuldades e inconvenientes que pôde encontrar. Preocupado com a educação, pai dos pobres, defensor dos recursos naturais do país, bom organizador de estruturas eclesiais, promotor de vocações que prolongam o reinado do amor divino, e muitas outras obras como Pastor destas terras do norte, e para além dos limites da sua igreja Mindoniense».¹⁸⁷

Neste sentido, começou por: dar liberdade aos escravos; pacificar e aconselhar os nobres; ter um cuidado zeloso com os pobres – de forma que nada lhes faltasse – e não carecesse o mínimo de dignidade aos mais indefesos. Deveras, o nosso Santo Pastor conseguia reconhecer nas pessoas, especialmente nos mais desfavorecidos, a verdadeira imagem – nestoutros kenótica – e glória de Deus.¹⁸⁸

Como vimos, São Rosendo serve a Igreja também como bispo de Iria, Diocese de Santiago de Compostela, a pedido do rei Sancho, irmão de Ordonho III, numa situação em que a missão dele passou a de dignificar novamente aquela sede atribulada pelo comportamento pouco edificante do seu antecessor, Sisnando – que terá sido preso por atitudes pouco humanas e cristãs.¹⁸⁹ Seja como for, não temos conhecimento do trabalho realizado por São Rosendo nesta sede enquanto bispo, quer por falta de documentos registados nessa altura, quer pelo facto de São Rosendo só ter estado à frente da sede de Iria apenas um ano. Tivemos acesso apenas a esta informação porque, na obra “*Vida e Milagres de São Rosendo*”, Frei Estevão nos conta que São Rosendo, enquanto estava à frente da dita sede, defendeu as terras da Galiza contra os invasores¹⁹⁰: «Poco se sabe de los hechos de San Rosendo en el tiempo que estuvo al frente de la Sede de Santiago. En el año 974 todavía firma como obispo iriense un privilegio otorgado por Ramiro II a la iglesia de Astorga después de haber asistido a un Concilio celebrado en León por este tiempo».¹⁹¹

¹⁸⁷ «Contemplar a figura de San Rosendo é mirar a persoa dun monxe e Bispo que promove santidade, que se entrega con exuberante xenerosidade ao seu ministerio evanxelizador, superando as dificultades e inconvenientes que puido atopar. Preocupado polo ensino, pai dos pobres, defensor dos naturais do país, bo organizador das estruturas eclesiais, promotor das vocacións que estendan o reinado do amor divino, e moitas máis obras como Pastor destas terras do nordés, e máis aló das lindes da súa igrexa mindoniense»: L. Pérez López, «Mondoñedo: as orixes dunha igrexa diferente», em *Rudesindus. Miscelánea de arte e cultura*. 9/2013 (Ourense: Academia Auriense-Mindoniense de San Rosendo, 2008), 26.

¹⁸⁸ Cf. Estêvão de Celanova, *Vida e Milagres de São Rosendo*, 43.

¹⁸⁹ Cf. Estêvão de Celanova, *Vida e Milagres de São Rosendo*, 45.

¹⁹⁰ Cf. Estêvão de Celanova, *Vida e Milagres de São Rosendo*, 45.

¹⁹¹ Bravo, *El Monacato en Galicia*, vol. 1, 131.

A ideia de episcopado que temos hoje é – convém deixar bem claro – diferente daquela que era realidade no tempo de São Rosendo. Temos, nos nossos dias, a ideia de que um bispo deve ser o pastor religioso de uma diocese que cuida espiritualmente da organização da mesma, do povo de Deus (e não só) que nela habita e dos seus párocos. Contudo nem sempre foi assim. No tempo de São Rosendo, muitas vezes, os bispos estavam firmemente submetidos aos reis, de modo que podiam desempenhar vários papéis além do de pastor religioso, como, por exemplo, o de governo militar. Infeliz e tristemente não temos escritos pastorais de São Rosendo, com a exceção das poucas palavras escritas que pronunciou quando inaugurou o mosteiro de Celanova e as que deixou no seu testamento. Mas podemos afirmar que o testemunho que nos deixa com a sua vida, como tantos outros Santos, fala melhor do que mil palavras.¹⁹²

3.1.2.- *Perfil de Pastor como Abade*

Bispo de Mondonhedo de finais do século X, São Rosendo foi, também e na linha de outros esforços anteriores já por nós evocados no primeiro capítulo desta Dissertação, responsável por uma das primeiras tentativas de reforma do monaquismo vigente no espaço portugalense. Com efeito, não só procurou influenciar alguns dos mosteiros existentes na área da sua diocese, como patrocinou a fundação de outros segundo o modelo que estimava ser o adequado para esta forma de vida cristã, como foi o caso do, já várias vezes evocado, mosteiro de Celanova, mas igualmente do de Guimarães.¹⁹³

A “*Vida e Milagres de São Rosendo*” diz-nos: «o santo Varão Rosendo, neste tempo, deu-se todo à solidão, à oração e à contemplação, a ponto de passar a noite a rezar. Ora, enquanto se ocupava mais insistentemente em orar, no mosteiro de Cabeiro, resolveu renunciar às pompas e vaidades do mundo».¹⁹⁴ Daqui ficamos a saber que o nosso Santo, apesar dos seus encargos episcopais, tinha grande vontade de se retirar para a solidão contemplativa, onde cria encontrar-se, mais facilmente, com Deus e, a par, com as suas paixões espirituais que o impediam de desfrutar melhor da presença d’Aquele. Mais: essa mesma obra, escrita por Ordonho e Frei Estevão de Celanova, refere – num lugar-comum hagiográfico, mas que não deve ser minimamente exagerado – que ele renunciou às pompas do mundo para se refugiar na solidão do mosteiro. E

¹⁹² Cf. Luis Quinteiro Fiuza, *San Rosendo. Una Luz que non se Apaga* (Ourense: n.d., 2006), 13-14.

¹⁹³ Cf. Mattoso, *Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa*, 45.

¹⁹⁴ Estêvão de Celanova, *Vida de São Rosendo*, 49.

isto, ainda que também saibamos que teve de interromper, por vezes, essa vida contemplativa para enfrentar os problemas governativos exteriores ao mosteiro que o mundo se encarregava de lhe trazer.

É de referir que um local de especial predileção de São Rosendo para encontrar a sua solidão, é o São João de Caaveiro, pois, diz a obra traduzida por Maria Helena da Rocha Pereira,¹⁹⁵ que era nele que ele mais frequentemente orava, quando se entregava à solidão com Deus e em prol dos demais. Seja como for, encontrámos uma citação que nos prova a localização deste mosteiro galego medieval: «el Monasterio de San Xoan de Caabeiro, construído sobre una elevada planície, entre los rocosos y selváticos relieves que enmarcan el paso del río Eume por la parroquia de Santiago de Capela».¹⁹⁶ Rio Eume esse, que nasce na Serra do Xistral e desagua na ria de Ares, no golfo de Ártabro, já bem perto do Oceano Atlântico no noroeste da atual Galiza¹⁹⁷.

A fundação, no ano 934, do mosteiro de São João de Caaveiro é atribuída a São Rosendo¹⁹⁸, movido pelo desejo de aí se poderem recolher anacoretas. É neste mosteiro que São Rosendo vive antes de ir para Celanova. Mais: e é, segundo o que pudemos ler na “*Vida e Milagres de São Rosendo*”, nesse local que São Rosendo sente, no que podemos considerar como uma espécie de inspiração divina, a vontade de fundar o mosteiro de Celanova: «quando estava a rezar, foi-lhe revelado por Deus que edificasse um convento na cidadela de Vilar, perto do Lima, e, consagrando-o a S. Salvador, que levasse nele vida monástica».¹⁹⁹

Encontrámos ainda uma breve menção ao facto de que São Rosendo ter sido prior no mosteiro de Caaveiro,²⁰⁰ mas sem que seja mencionado o/s ano/s em causa, nem sendo sustentada essa afirmação com evidência textuais. Contudo, o mesmo autor que faz esta afirmação, Miguel Anxo Araújo Iglesias e na sua obra “*San Rosendo Bispo e Fundador*”, apresenta ainda, agora de modo mais sólido e fundamentado, a ideia de que São Rosendo terá sido Abade do mosteiro de São Salvador e Santa Cruz de Porto

¹⁹⁵ Cf. Estêvão de Celanova, *Vida e Milagres de São Rosendo*, 49.

¹⁹⁶ Hipólito de Sá Bravo, *El Monacato en Galicia*, vol. 1, 293.

¹⁹⁷ Cf. Carlos de Castro Álvarez, José Ignacio Fernández de Viana y Vieites e María Teresa González Balasch, *El Monasterio de San Juan de Caaveiro* (A Coruña: Imprenta de la Diputación Provincial de A Coruña, 1999), 25.

¹⁹⁸ Cf. Bravo, *El Monacato en Galicia*, vol. 1, 294.

¹⁹⁹ Estêvão de Celanova, *Vida e Milagres de São Rosendo*, 49.

²⁰⁰ Cf. Miguel Anxo Araújo Iglesias, *San Rosendo. Bispo e Fundador* (Celanova: Parroquia de San Rosendo e Concello de Celanova, 1999), 78.

Marim, na província de Lugo.²⁰¹ Esta última informação é, por seu lado, corroborada pelo historiador medievalista José Mattoso, num documento em que se refere à questão dos mosteiros dúplices. Diz-nos este grande pensador português e do Mundo: «O primeiro documento em que aparece a desempenhar uma função eclesiástica é justamente aquele em que se repartem os bens de Gondulfo, em [925], no qual se verifica que São Rosendo, sempre intitulado *abbas*, governa o mosteiro de S. Salvador de Puertomarín».²⁰²

Continuando o percurso de São Rosendo pela vida contemplativa, sabemos que São Rosendo constrói o mosteiro de Celanova e dota-o de todos os bens necessários. Sabemos também que, segundo o que lhe é revelado por Deus, São Rosendo constrói o mosteiro para lá viver e nele levar vida monástica. E é exatamente isso que São Rosendo faz, «completadas todas as coisas que dizem respeito ao mosteiro, segundo dissemos, congregou monges de diversas partes, tomou o hábito de religioso»²⁰³. Mas é de notar que São Rosendo, apesar de tomar o hábito de religioso, não perdeu as suas funções episcopais²⁰⁴, indo visitar diversas vezes o monge Franquila – Abade do mosteiro de Santo Estevo de Ribas de Sil e local de onde foram os primeiros monges para Celanova –, e que, portanto, supomos que a estadia dele no mosteiro não seria diária. De facto, não nos é difícil de imaginar esta dita situação, até porque a área de interação pastoral de São Rosendo era grande, e não sendo certamente naquela altura tão simples como hoje a mobilidade de um bispo, podemos supor que São Rosendo estaria vários dias ausente de Celanova.

Durante uma dada conversa com Franquila – que acabaria por ser também o primeiro Abade de Celanova e que fora pessoa de máxima confiança e de profunda ajuda no governo do mosteiro de Celanova – São Rosendo percebe que esse dito Abade não estaria bem de saúde, aproximando-se certamente o termo da sua vida. O facto é que Franquila morre e, depois de realizadas as suas exéquias fúnebres, os monges do mosteiro elegem São Rosendo como Abade do mesmo mosteiro, ficando deste modo, o Santo bispo, não perdendo o seu cargo episcopal, encarregue das funções abaciais.²⁰⁵

«E depois, quanta santidade teve, como se comportou piedosa e benévola para com todos, não o calou a caridade; ou como instruíu o justo com a suavidade do verbo

²⁰¹ Cf. Iglesias, *San Rosendo*, 78.

²⁰² Mattoso, *Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa*, 42.

²⁰³ Ordonho de, *Vida de São Rosendo*, 27.

²⁰⁴ Cf. Ordonho de Celanova, 29.

²⁰⁵ Cf. Ordonho de Celanova, 29.

sagrado, para que ele melhor aproveitasse, e, ao excitado ou soberbo, abrandava-o com a suavidade da lei e o terror do inferno, para que se emendasse, segundo a frase do Apóstolo: “Censura, implora, increpa com toda a paciência e doutrina”. E ao seu exemplo admirável acorriam daqui bispos, desprezando as mercês do episcopado, dali abades, depondo as honrarias da abadia; dacolá, multidões de gentes, tanto célebres como obscuras, abandonando as riquezas do mundo, dando tudo o que era seu, e a si mesmos. mas também se submetiam ao seu dulcíssimo império alguns mosteiros de monges e monjas, que, ao que parecia, se erguiam na província de Limia e da Galiza ou de Portucale; e na sua doce doutrina se edificaram suficientemente».²⁰⁶

Como podemos comprovar, a influência de São Rosendo era tão grande que o mosteiro de Celanova era conhecido em todas as suas redondezas, e o seu modo de vida espiritual era de tal forma exemplar que acorriam ao mosteiro todo o tipo de pessoas, que ao que parece procuravam entregar a sua existência à vida monástica seguindo o exemplo de São Rosendo. Talvez aqui se comprove que a santidade de vida que São Rosendo tinha era transparente a todos aqueles que com ele se cruzavam.²⁰⁷ E, no fundo e deste facto, podemos constatar que São Rosendo exerce uma enorme capacidade de influência no que diz respeito ao acompanhamento espiritual, e tudo isto quando foi Abade do seu muito amado mosteiro de Celanova.

3.2.- MOSTEIRO DE CELANOVA, O GRANDE LEGADO DE SÃO ROSENDO

A importância de São Rosendo na Galiza é muito grande e, de facto, foi onde este passou a maioria do seu tempo e onde dedicou os seus esforços. Quando lemos os livros das virtudes realizadas pelo nosso Santo, são inúmeros os milagres que encontramos realizados em Celanova diante do seu túmulo. Deste modo, é certo que a devoção a São Rosendo passa em grande parte por Celanova. Contudo, não procuramos aqui apresentar os seus milagres ou citá-los, mas mostrar a importância que teve o Mosteiro de Celanova e a forma como o mesmo mantém, até hoje, vivo o nome de São Rosendo. Diz-nos, acerca disto que esteve a mover precedentemente a nossa atenção, Hipólito de Sá Bravo:

«la alegre Villa de Celanova es uno de los pueblos de la provincia de Orense que vive ligado al recuerdo del Monasterio de San Salvador, fundado en el año 936 por San Rosendo. Destacan en la Plaza Mayor del pueblo las fachadas de la iglesia monasterial y la del antiguo Monasterio, cuya historia encierra, como la de los Monasterios gallegos, un retazo de la historia de Galiza».²⁰⁸

²⁰⁶ Ordonho de Celanova *Vida de São Rosendo*, 29-31.

²⁰⁷ Cf. Ordonho de Celanova, 29-31.

²⁰⁸ Bravo, «San Salvador de Celanova», 219.

O mosteiro que conhecemos hoje, quando vamos a Celanova não é exatamente o mosteiro que São Rosendo fundou, pois desse mosteiro primitivo só resta a capela de São Miguel, onde São Rosendo orava e que se conserva ainda hoje em perfeito estado. De facto, «O mosteiro revelou-se uma espécie de polígono de desenvolvimento económico para todas aquelas aldeias e pessoas que viviam em redor do mosteiro. Não esqueçamos que a arquitectura do primeiro mosteiro, construído por São Rosendo, era muito diferente e menos monumental do que a que temos hoje»²⁰⁹.

A importância da fundação do mosteiro de Celanova e a necessidade da sua construção são justificadas, logo à partida e até independentemente da irradiação modelar monástica e de cativação de vocações, pela importância que tem São Rosendo, seu fundador e segundo Abade. De facto, “São” não é, evidentemente, o seu primeiro nome, mas um qualificativo decorrente do seu nome estar inscrito entre os Santos da Igreja Católica.²¹⁰ Neste sentido, podemos ler: «os dons e acções reais do santo – capacidade de defesa, organização, delimitação clara dos direitos do seu mosteiro – são integrados num ciclo de acontecimentos milagrosos, que relançam Celanova como um grande centro de poder monástico e dons taumatúrgicos».²¹¹

A importância do mosteiro de Celanova é também devida à jurisdição que detinham os Abades do mosteiro. Os mesmos faziam um enorme trabalho para evitar o roubo das terras dos diversos Prioratos que, com o tempo, se anexaram a Celanova. Assim, foi importante para este mosteiro ter, ao longo dos primeiros anos da sua existência, homens que tinham como missão os bens e direitos do Mosteiro.²¹²

Com a renúncia do último abade comendatário, o mosteiro de Celanova uniu-se à Congregação de São Bento de Valladolid no ano de 1506, começando uma nova vida. Algum tempo depois, os bens foram vendidos e os monges tiveram de abandonar o mosteiro. A igreja do mosteiro transformou-se em paróquia, o mosteiro passou a ser quartel, acolheu escolas públicas e outros serviços igualmente públicos. As paredes – que eram inicialmente pensadas para formar um albergue para um templo de contemplação a Deus e, ao mesmo tempo, de recolhimento dos monges – passaram a

²⁰⁹ «O mosteiro resultou ser unha especie de polígono de desenvolvemento económico para todos aqueles pobos e xentes que vivían arredor do mosteiro. Teñamos en conta que a arquitectura do primeiro mosteiro, construído por San Rosendo, era moi distinta e menos monumental có que temos hoxe»: Iglesias, *San Rosendo*, 97.

²¹⁰ Cf. Bravo, «San Salvador de Celanova», 219.

²¹¹ Maria de Lurdes Rosa, «A Santidade no Portugal Medieval: Narrativas e Trajectos de Vida», *Lusitania Sacra*, n.º 13-14 (Janeiro 2001), 388.

²¹² Cf. Bravo, «San Salvador de Celanova», 219.

acolher muitos outros; uns que recordavam a memória de São Rosendo; outros que, certamente, nunca ouviram falar dele.²¹³ Nos tempos atuais, se visitarmos o mosteiro de Celanova, encontramos as marcas ainda visíveis destas alterações que se realizaram e que ainda se mantêm. A igreja e uma parte do mosteiro foram transformadas num museu; uma outra parte mantém serviços públicos como a polícia; e a belíssima fachada serve apenas como decoração, mais ou menos apreciativa, para muitos que visitam Celanova.²¹⁴

A história do mosteiro desapareceu com a saída dos monges beneditinos de lá, e com o apoderamento, pela esfera civil pública, de uma obra pensada, edificada, fundada e durante séculos vivida totalmente para uso da Igreja. Pode até ter sido esquecida, ao longo do tempo, a importância da verdadeira motivação que levou à construção deste mosteiro, mas é impossível esconder a obra realizada conforme atesta Hipólito de Sá Bravo: «y como prueba viviente y perdurable allí, en el corazón del pueblo celanovense, el extraordinario complejo monumental, que como legado y confirmación de su labor nos han dejado los monges benedictinos».²¹⁵

Em jeito de conclusão, concordamos com o que escreve Monsenhor Luis Quinteiro Fiuza, numa carta pastoral por ocasião do ano jubilar de São Rosendo no 1100.º ano após o seu nascimento: «Celanova significó, en su esplendor, una nueva forma local de comunidad en la que se podía sostener la vida moral e intelectual alentada por la persona de Cristo en la que refulgía la belleza de la Iglesia»²¹⁶.

3.3.- CULTO DE SÃO ROSENDO

São Rosendo foi “canonizado” no século XII.²¹⁷ Tanto em Portugal como na Galiza, o seu culto não se propagou tanto quanto merecia. São poucos os lugares onde encontramos a devoção a este extraordinário Santo. Temos consciência, pela obra que conhecemos, que a devoção ao mesmo devia ser vivida, até porque são bastantes as razões para isso. É isto, por mais que sejam poucas as pegadas por nós conhecidas acerca da sua devoção e o desenvolvimento do seu culto ao longo do tempo e a tentativa que houve em trazer a recordação de São Rosendo de volta.

²¹³ Cf. Bravo, 124.

²¹⁴ Conclusões tiradas por nós numa visita recente feita ao mosteiro de Celanova.

²¹⁵ Bravo, *El Monacato en Galicia. Volume II*, 129-130.

²¹⁶ Luis Quinteiro Fiuza, *San Rosendo. Una Luz que non se Apaga*, 10.

²¹⁷ Cf. Correia e Moreira, *Monte Córdoba, Santo Tirso*, 187.

Neste ponto, procuraremos traçar um percurso, desde Portugal – terra de origem do nosso Santo – até à vizinha Galiza – terra que o acolhe e o reconhece como figura muitíssimo importante. E isso para mostrar os lugares e a devoção que é feita a São Rosendo e relatando os milagres que ele realizou ou a ele estão associados nos lugares onde aconteceram.

Desde São Miguel do Couto, passando por terras de Basto – onde moraram Santa Senhorinha de Basto e São Gervásio, primos do nosso Santo –, parando mais a norte onde o ar é mais frio, mas encontramos a beleza do mosteiro de Santa Maria das Júnias no percurso do Rio Cávado, entrando em terra espanhola até Celanova onde prevalece o grande mosteiro fundado pelo nosso Santo, encontramos pequenas achegas umas escritas outras transmitidas oralmente que nos permitem conhecer o culto a São Rosendo.

3.3.1.- *Um Santo Tirsense*

Camilo Castelo Branco recorda, em “*Maria Moisés*”, São Rosendo, querendo demonstrar que não foi o Porto, mas sim Santo Tirso que deu ao Mundo um Santo.²¹⁸ De facto, São Rosendo nasceu em Santo Tirso, mas infelizmente não encontramos nesta cidade portuguesa nenhum templo de devoção erigido em honra do mesmo. Todavia, em São Miguel do Couto, encontramos, na capela, a pia batismal onde foi batizado São Rosendo²¹⁹. Nesta pia batismal encontramos os primeiros sinais de devoção rudesindiana.

A pia encontra-se desgastada, porque os fiéis levavam bocadinhos da pedra, de maneira a terem uma relíquia para nos momentos de enfermidade recorrerem a São Rosendo.²²⁰ Esta devoção não é muito ortodoxa, porque leva a que se estrague uma relíquia, ainda que muito indireta, do Santo, que deveria ter sido preservada intacta para a devoção futura. Atualmente a pia batismal está à vista de todos os que passarem na Igreja de São Miguel do Couto, mas encontra-se protegida por um vidro, o que evita, ou tenta evitar ao máximo do possível e imaginário (pois desejando-se, com muita crueldade e malvadez mal-intencionada, sempre se poderá fazer estragos), possíveis formas de destruição.²²¹

²¹⁸ Cf. J. A. Pires de Lima, “Santos da Porta”, 135.

²¹⁹ Cf. Correia e Moreira, *Monte Córdoba, Santo Tirso*, 190.

²²⁰ Cf. Correia e Moreira, 190.

²²¹ Esta informação foi recolhida por nós.

Uma outra devoção um pouco destrutiva que encontramos mencionada num texto de F. Carvalho Correia e Álvaro Brito Moreira é que no dia da procissão – e aqui supomos ser na procissão da Romaria que é feita a São Rosendo no dia 1 de março em São Miguel do Couto – os moços e as moças atiravam pedrinhas ao Santo como forma de arranjar namorado/a, pois reconheciam em São Rosendo a faceta de Santo casamenteiro.²²² Contudo, sabemos que esta tradição já não existe. Não sabemos quando terá sido deixada de se realizar, mas recolhemos testemunhos de pessoas que transportam o andor no dia da procissão, e de outras que se recordam de o ver ser transportado há muitos anos mais, que nos dizem nunca ter assistido a essa prática.

Esta dita romaria é outro momento de culto que decorre em honra de São Rosendo, o qual, não sendo padroeiro de nenhum lugar na freguesia de Santo Tirso, levou o povo a criar uma romaria em honra do Santo tirsense, uma vez que ele foi batizado em terras que ainda hoje são de Santo Tirso, em especial e como vimos, São Miguel do Couto: «a freguesia de S. Miguel do Couto, situada na encosta da serra de Monte Córdova, é a freguesia mais pequena do concelho de Santo Tirso. Apesar do seu orago ser S. Miguel, o santo mais festejado é S. Rosendo e o festejo ocorre no primeiro domingo do mês de março, sempre acompanhado de uma romaria».²²³

Ainda em São Miguel do Couto, o povo desenvolveu uma tradição que apesar de não ser uma devoção diretamente a São Rosendo, está ligada à lenda do seu nascimento, e à sua mãe Santa Ilduara, designada por “*A caminhada das maias*”²²⁴. Santa Ilduara, mãe de São Rosendo, vivia na angústia porque os filhos que concebia lhe morriam à nascença. Então, ela entregou-se a diversas práticas penitenciais, nomeadamente uma peregrinação descalça até uma igreja que havia no alto do Monte Córdova, tendo sido num primeiro de maio que recebeu a perceção de que iria conceber um filho a ser muito estimado por Deus e pelos homens.²²⁵

Ora, “*A caminhada das maias*”, que noutros locais tem outras lendas fundantes para as maias do primeiro dia desse mês, é um evento que se realiza no primeiro dia de maio: as pessoas que nela participam percorrem o caminho que Santa Ilduara terá usado na ocasião, numa prova de fé e de sacrifício ocorrida há séculos passados e que, séculos

²²² Cf. Correia e Moreira, *Monte Córdova, Santo Tirso*, 191.

²²³ Raquel Sofia Araújo Lima, *A Redescoberta de S. Rosendo*, 4.

²²⁴ Cf. A. Moreira, “Caminhada de 1.º Maio em S. Miguel”. *Jornal Municipal de Santo Tirso*, Junho 2010, 8.

²²⁵ Cf. Estêvão de Celanova, *Vida de São Rosendo*, 41.

depois, ainda é fonte de uma tradição de fé fervorosa e que continua a atrair pessoas.²²⁶ O facto de já vir a acontecer há algum tempo tornou-se tradição, sendo que o seu interesse cultural, e até pitoresco, foi-se desenvolvendo, e, mais do que um evento religioso para a população local, tornou-se o foco para muitos turistas que ali vêm, desde longe, assistir a tal tradição e, por vezes, até participando na mesma.

“*Caminho de São Rosendo*” é o título do mais recente de uma celebração intencionada a recordar São Rosendo. A Câmara Municipal de Santo Tirso e o *Rotary Club* de Santo Tirso, no dia em que se comemoravam os 1115 anos do nascimento de São Rosendo – dia 26 de novembro de 2022 e ocasião em que pudemos estar presentes – promoveram a apresentação do projeto de sinalização do Caminho Português de São Rosendo. A iniciativa teve lugar em São Miguel do Couto, e assinala o quilómetro zero do percurso.²²⁷ Este evento ficou marcado numa escultura de Avelino Leite e contou com a bênção do bispo-auxiliar do Porto, Dom Pio Alves de Sousa. Acerca de tal intenção pode ler-se no site da Câmara de Santo Tirso:

«Santo Tirso está diretamente relacionado com S. Rosendo, não só pelo facto de ser o seu local de nascimento, mas também por representar um dos locais de luta e preservação do condado Portucalense. O percurso de vida deste Santo é extenso (Abade, Bispo e Político), percorrendo terras tirsenses até à Galiza, passando pelo Minho e terras do Gerês. Procurar uma rota ou caminho que clarifique o seu percurso entre Santo Tirso, Celanova e Santiago de Compostela não é certamente tarefa fácil ou mesmo exequível. No entanto, a história deixa-nos relatos, factos e obras que ao longo do tempo evidenciam passagem de S. Rosendo por terras portuguesas e galegas, como sejam a Capela de S. Frutuoso de Montélios, Igreja de S. Martinho de Dume, Mosteiro de S. André de Rendufe, Igreja de Santa Maria de Iria Flávia e Catedral de Ourense. A presente proposta pretende a criação de infraestrutura para recriar uma primeira etapa do percurso de São Rosendo desde que partiu de Santo Tirso até Celanova, cidade onde morreu. Esta primeira etapa terá 15 km de extensão dentro do nosso perímetro concelhio, sendo um primeiro investimento tendo em vista a elaboração posterior de um projeto intermunicipal entre os concelhos de Famalicão, Guimarães, Braga, Vila Verde, Amares e Terras do Bouro. No total, o caminho terá cerca de 155 km sendo que da Portela do Homem até Ourense, os caminhos já estão marcados como sendo o Caminho Natural do Interior de S. Rosendo».²²⁸

Esta iniciativa, que promove, sem dúvida alguma, o culto a São Rosendo – embora também o turismo de diversos locais –, demonstra, em parte, que o Santo está vivo na memória do povo que lhe é conterrâneo e que tem o orgulho de mostrar que não

²²⁶ Cf. A. Moreira, Caminhada 1º Maio em S. Miguel. *Jornal Municipal de Santo Tirso* (2010).

²²⁷ Cf. s.d. consultado a 11 de dezembro de 2022, <https://www.cm-stirso.pt/conhecer/noticias/noticia/caminho-portugues-de-sao-rosendo-une-sei-s-municipios> (consultado a 11 de dezembro de 2022).

²²⁸ S.d. consultado a 11 de dezembro de 2022, https://opjst.cm-stirso.pt/PageGen.aspx?WMCM_PaginaId=28315&id=193&processoID=43.

se esqueceu do mesmo. Assim, desejam promover um itinerário desde o berço do seu nascimento, até ao encontro da terra onde a sua peregrinação terrena findou.

3.3.3.- *Por Terras do Barroso*

A aldeia de Pitões das Júnias é uma freguesia portuguesa do município de Montalegre, que pela sua elevada altitude se torna uma das aldeias mais altas de Portugal. Depois de São Miguel do Couto, Pitões das Júnias é o segundo lugar de culto a São Rosendo em Portugal, e o único que tem São Rosendo como padroeiro.²²⁹ Para falarmos de São Rosendo em Pitões temos de contextualizar o nascimento da aldeia e a importância que a abadia de Santa Maria das Júnias tem no caminho de São Rosendo.

Sobre este tema tivemos a oportunidade de privar com o Padre António Lourenço Fontes – um conhecedor das ciências sagradas e entusiasta da história e costumes da sua região –, que foi pároco de Pitões das Júnias entre 1963 e 1971. Estes oito anos passados naquela região foram importantes para algumas achegas, que veremos de seguida, e também porque foi este homem que fez acontecer as comemorações do milénario de São Rosendo em Montalegre.

Através do testemunho oral por nós recolhido junto do Padre António Lourenço Fontes, mas também através de uma sua intervenção acerca deste tema na obra escrita “*Comemorações do Milénario de São Rosendo*”, ficámos a conhecer a tradição oral que, se conservando até aos nossos dias com mais ou menos variantes, nos explica a origem da fundação do mosteiro²³⁰. Eis uma versão:

«dois caçadores que um dia saíram pelos montes que rodeiam Júnias a praticar o seu desporto favorito: “algum tempo tinham andado naquelas matas quando encontraram uma imagem de Maria Santíssima com o seu filho nos braços, a quem servia de majestoso trono a concavidade de um tronco de castanheiro. [...] prostrados no chão, renderam justas adorações à Imperatriz da Glória, fazendo votos de melhorá-la de ara, erigindo naquele mesmo lugar templo que foi do redentor do Mundo [...]”».²³¹

Para confirmar esta tradição oral, ainda hoje se encontra, ao lado da capela-mor do mosteiro, uma imagem em pedra com esta representação tal e qual como contada, sendo que esta mesma imagem está representada, agora a duas dimensões, no escudo do Mosteiro de Oseira, na província espanhola de Ourense. Ora bem, os monges que povoaram o Mosteiro de Santa Maria de Júnias terão vindo do mosteiro de Oseira, pois

²²⁹ Cf. Correia e Moreira, *Monte Córdoba, Santo Tirso*, 187.

²³⁰ Cf. A. Lourenço Fontes e Carvalho de Moura, *Milenário de S. Rosendo. 977-1977*, 74.

²³¹ Fontes e Moura, 74.

quando foi edificado, pediram ao abade de Osera que o recebesse sob o seu amparo,²³² conforme também podemos ler em Hipólito de Sá Bravo: «el tercer monasterio sometido a Osera, fue Santa María de Junias, en Portugal, no lejos del límite con la provincia de Orense. Este monasterio fue surtido de continuo por abad y monges de Osera»²³³.

Segundo frei Tomás de Peralta, o mosteiro data do século XII.²³⁴ Na parede, ao lado da janela que vista para o cemitério do mosteiro, podemos ler uma data que talvez seja a da fundação do mosteiro que nos indica o ano de 1147. Esta data é justamente confirmada pelo antedito autor, que afirma a chegada dos monges de Osera àquela região e que menciona essa data que ainda hoje vemos esculpida no dito edifício.²³⁵

Concluimos com a ajuda do Padre António Lourenço Fontes que nos informa que São Rosendo, quando se dirigia da sua terra de origem para Celanova, ou quando ia de Celanova para a sua terra de origem, passaria por terras do Barroso. Ou, melhor dizendo, por terras das Júnias, porque seria provavelmente este o caminho traçado para quem naquela altura se dirigia da fronteira de Espanha para a zona do Minho: «o mosteiro teve uma igreja anexa dedicada a S. Rosendo, da qual que podemos confirmar que por aqui passou o caminho do glorioso santo».²³⁶

Possuímos ainda o relato de um milagre realizado por São Rosendo quando visitava a sua prima, Santa Senhorinha, abadessa do mosteiro de São João de Vieira (do Minho) – agora cito numa vila portuguesa do distrito de Braga, mas que não dista muito do Barroso – relatado por Ordonho de Celanova com as seguintes palavras:

«Sucedeu, porém, conforme atestam muitos, que certo dia, recebeu a sua visita um desses mosteiros, por nome S. João de Vieira, que ficava em Portucale, e foi recebido com todas as atenções por Senhorinha, abadessa do mesmo mosteiro e parente dele, segundo se diz. estando eles sentados, e como, no meio dos sagrados colóquios, lhe fosse mostrado por ela um pequeno presente, e, por amor divino, se contemplassem frequentemente, dois operários, que trabalhavam nas obras do telhado em cima da casa, juntamente com outros, pensaram entre si mal deles. E logo iniquamente os invadiram os espíritos imundos e lançaram-nos por terra sem vida, por justa sentença de Deus. Então, alguns dos que ali estavam, apesar de aterrados, pegaram nos corpos deles e depuseram-nos dentro da igreja, diante do altar. Depois disto, o bondoso bispo Rosendo é implorado com todo o empenho, tanto por Senhorinha como por todos os que estavam presentes, para que, com suas santas preces, se dignasse oferecer-lhes o benefício da salvação. O homem de Deus, movido

²³² Cf. Fontes e Moura, 74.

²³³ Bravo, «San Salvador de Celanova», 162.

²³⁴ Cf. João Gonçalves da Costa, *Montalegre e Terras de Barroso. Notas Históricas sobre Montalegre, Freguesias do Concelho e Região de Barroso* (Braga: Edição da Câmara Municipal de Montalegre, 1968), 120.

²³⁵ Cf. Fontes e Moura, *Milenário de S. Rosendo*, 76.

²³⁶ Fontes e Moura, 75.

pelos seus rogos e confiado na piedade divina, entrou no oratório onde jaziam os mortos, ajoelhou e falou assim ao Senhor: – “Senhor, Deus do Céu e da Terra, que ressuscitaste Lázaro morto há quatro dias, e o filho da mulher viúva, e a filha do príncipe da sinagoga, libertai e acordai, suplicamos-Vos, estes vossos servos do laço do inimigo, para que com vida Vos demos graças pelos séculos”. E, tendo orado bastante tempo, tomou os óleos bentos e ungiu-os com o polegar na boca e nos olhos, em forma de cruz, e disse: – “Em nome da Santa Trindade, Padre, Filho e Espírito Santo, erguei-vos sãos e livres do sono da morte”. E, eles a esta voz do Pontífice São Rosendo, ressuscitaram incólumes, tanto dos espíritos imundos, como da morte. E divulgaram estes factos que referimos, pela sua própria boca, tal como lhes sucederam». ²³⁷

Através do pensamento do Padre António Lourenço Fontes, que para nós parece ter lógica, uma vez que as terras do Barroso também nos são familiares e conhecemos o seu território, atrevemo-nos a escrever que São Rosendo traçaria certamente o seu percurso por estas terras. Entendemos também, mais uma vez, na lógica do nosso entusiasta Padre António Lourenço Fontes que Santa Senhorinha e São Gervásio percorreram também estas terras, pois encontramos culto a estes Santos numa aldeia de Montalegre perto da fronteira: a aldeia de Sendim. ²³⁸

«Li no Tombo de Celanova, num documento em Latim, que determinada família doava a S. Rosendo a villa de Travassos, juxta rivum Catavelum, in monte Júnias”. Ora de facto há perto de Pitões das Júnias uma aldeia de nome Travassos do Rio. O Rio Cotovelo é o pequeno Cávado que passa aos pés da aldeia referida. O monte Júnias procurei-o em todos os dicionários de Espanha e Portugal e não encontrei nenhum e não encontrei nenhum monte nem local, com semelhante nome Júnias, a não ser em Pitões das Júnias. O que nos vem provar que Travassos do Rio e possivelmente Pitões das Júnias seriam possessão de São Rosendo. O que nos prova a existência e possibilidade de moradores nestes locais. Acresce que em Sendim, (Padornelos) onde havia um castelo Medieval de certo coetâneo de S. Rosendo, o castelo do Portelo para defesa das fronteiras de terras de Barroso. Também ali, na capela do pequeno povoado serrano, das faldas do Larouco, a padroeira é Santa Senhorinha, familiar de S. Rosendo. Em contrapartida está mais enraizada no povo de Barroso a devoção, ainda hoje, de Santa Senhorinha e S. Gervaz do que a do Santo Bispo Rosendo. A ponte da Misarela, que dizem ser feita pelo diabo, tem virtudes fálicas. Ali vão as futuras mães num ritual pagão, como que baptizar nas águas frias do Rabagão, seus filhos, antes do parto. A quem terão de chamar Senhorinha ou Gervaz, consoante o sexo.

Destes factos interrelacionados cremos poder concluir que também Sendim (Montalegre) terá qualquer relação o seu castelo, hoje desfeito, com S. Rosendo e Santa Senhorinha. O que nos fala de um possível povoamento desta zona nesta época do século X, anterior à nacionalidade. Como o local era passagem romana de Braga a Astorga, por Ginzo de Limia, seria um local privilegiado e povoado desde os romanos.» ²³⁹

O Padre António Lourenço Fontes escreve ainda noutro momento: «o nome Júnias já se conhece desde o século X numa doação a São Rosendo. Não há no país nem

²³⁷ Ordonho de Celanova, *Vida de São Rosendo*, 31.

²³⁸ A lógica que descrevemos sobre o caminho é uma teoria do Padre Fontes, contudo, parece-nos fazer sentido.

²³⁹ Fontes e Moura, *Milenário de S. Rosendo*, 120-121.

em Espanha ou Galiza outro nome semelhante, por isso a doação é referida a Pitões das Júnias». ²⁴⁰ Deste modo, conhecendo um pouco a história, podemos afirmar que a aldeia de Pitões das Júnias nasce em torno do Mosteiro de Santa Maria de Júnias, por influência dos monges. Ora, sendo os monges grandes catequistas e conhecedores da vida do abade São Rosendo, é óbvio que terão transmitido, ainda que de modo rudimentar, a devoção de São Rosendo àquelas gentes. Também é necessário refletir que o culto a São Rosendo já existia por esses lados, tendo vindo de Espanha, onde foi difundido desde mais cedo, pelos peregrinos e romeiros que regressavam a casa depois de irem até Santiago de Compostela. ²⁴¹

Séculos depois, por volta do século XVIII, a freguesia de São Rosendo de Pitões deixa de ser paróquia e anexa-se à de Santa Maria das Júnias, acabando a matriz de São Rosendo a passar a ser uma simples capela. Desconhecemos as razões para este antedito facto, mas sabemos que Santa Maria das Júnias começa a ganhar mais importância na devoção popular daquela região do que São Rosendo. Talvez porque, com o passar do tempo, se perdeu o hábito de se falar da vida de São Rosendo. ²⁴²

As comemorações do Milenário de São Rosendo aconteceram em Montalegre por iniciativa do Padre António Lourenço Fontes, precisamente para trazer mais informação sobre o Santo Padroeiro de Pitões das Júnias e abrir os olhos da população sobre este Santo que foi ofuscado pela Santa padroeira, não do local, mas do mosteiro, a qual terá tido, com certeza, muito menos ligações a essa terra. ²⁴³

Mas antes de abordarmos o tema das comemorações, resta-nos deixar algumas achegas que nos foram comunicadas e que demonstram a presença do culto ancestral de São Rosendo em Pitões das Júnias. Como anteriormente mencionamos, o Padre António Lourenço Fontes foi pároco da paróquia das Júnias durante oito anos e partilhou connosco que nesta terra ainda havia, ao tempo do seu pastorear das ovelhas do Senhor, há famílias de apelido Rosendo, o que nos faz perceber que pela devoção pessoas mais antigas destas famílias tenham recebido como padrinhos de batismo a São Rosendo.

²⁴⁰ Fontes e Moura, 22.

²⁴¹ Esta leitura, perfeitamente plausível, que descrevemos é novamente uma teoria do Padre António Lourenço Fontes, que no-la transmitiu tendo por base a sua leitura noutras obras.

²⁴² Cf. Correia e Moreira, *Monte Córdoba, Santo Tirso*, 191.

²⁴³ Segundo o Padre António Lourenço Fontes, de quem veio a iniciativa para a organização das comemorações do milenário de São Rosendo, que durante o período em que foi pároco naquela paróquia pôde verificar que a padroeira do mosteiro tinha ofuscado a visibilidade de São Rosendo, orago da paróquia de Pitões das Júnias.

3.4.- COMEMORAÇÕES DO MILENÁRIO DE SÃO ROSENDO

Mil anos sempre são mil anos, e a celebração da passagem de um milénio de um evento é sempre relevante. Neste sentido, passados os mil anos do nascimento para a Vida plena, através da morte biológica, de São Rosendo, uma soma significativa de grandes ou pequenos eventos foram realizados, aquém e além da atual linha demarcatória entre os países irmãos de Portugal e de Espanha, embora não tenham tido grande impacto nos supostos centros do saber e, agora certamente, do poder político e informativo. A esses eventos daremos, em breves linhas, a nossa atenção já a seguir.

3.4.1.- Na Galiza

De modo a se celebrar os mil anos passados da morte de São Rosendo, no ano de 1977, o bispo da diocese de Ourense, D. Angelo Teminho, anuncia o Milenário com o título apelativo de “*São Rosendo, Patriarca de Galicia, en el Milenario de su falecimiento*”. E isto, com o propósito de dar a conhecer São Rosendo nas suas diversas façanhas: como bispo, fundador, povoador, guerreiro e, entre outras, Santo.²⁴⁴

As comemorações tiveram início no dia 1 de março na igreja da vila de Celanova, que contou com a presença de várias figuras de relevo, tanto eclesiásticas como civis, de Espanha, entre elas o então rei de Espanha: Juan Carlos II,²⁴⁵ apodado de o Rei Infiel. Desse primeiro ato celebrativo, resultou uma estátua que representa São Rosendo com vestes episcopais e de báculo na mão, obra do escultor galego Manuel García Buciños,²⁴⁶ representante da tardia, em quase 40 anos face ao restante da Europa, “*nouvelle vague*” modernista anti-fascista da escultura espanhola.²⁴⁷

Ainda em Espanha, também na diocese de Mondonhedo, lugar onde São Rosendo desempenhou um importante papel enquanto bispo, se celebraram por essa altura dois momentos como recordação do Milenário. O primeiro, uma peregrinação ao mosteiro de Celanova. O segundo, uma celebração que durou quatro dias e contou com conferências em torno da figura de São Rosendo.²⁴⁸ Todas estas comemorações – umas mais religiosas, outras mais culturais – do Milenário serviram, segundo o que escreveu

²⁴⁴ Cf. Iglesias, *San Rosendo*, 141.

²⁴⁵ Cf. Iglesias, 142.

²⁴⁶ Cf. Iglesias, 143.

²⁴⁷ Cf. Haro García, *Grabadores contra el franquismo* (Madrid: Editorial CSIC, 2010), 309.

²⁴⁸ Cf. Iglesias, *San Rosendo*, 145.

Miguel Ángel Araújo Iglesias, como fonte de conhecimento e apreço sobre a figura de São Rosendo, na zona de Celanova e na diocese de Ourense²⁴⁹.

Disto mesmo nos dá conta o já quase santo varão Padre António Lourenço Fontes: «no passado dia 1 de Março no Mosteiro de Celanova, a vizinha província da Galiza deu início às comemorações do Milenário de São Rosendo, bispo de Mondoñedo e fundador daquele Mosteiro. Terão o seu final em igual dia do próximo ano. Estas comemorações atingiram a Espanha inteira, movimentando crentes e homens de ciência, esperando-se até entre tantos visitantes de Celanova, o próprio rei de Espanha».²⁵⁰ Estas comemorações serviram de impulso para as que se seguiram em Portugal, como falaremos de seguida.

3.4.2.- *Em Montalegre*

Também Montalegre foi, a seu jeito, lugar de magníficas e comoventes comemorações do milenário da morte de São Rosendo, tendo a iniciativa destes eventos surtido da iniciativa do Padre António Lourenço Fontes, que terá participado nas comemorações que se realizaram em Celanova e que teve a ideia de, depois, transportar para a sua região aquele evento. E isto, com o mesmo propósito de despertar o conhecimento do povo do Barroso e demais portugueses para a importância da figura de São Rosendo: «porque este Santo está relacionado com a nossa região, pois admite-se ser ele o fundador do célebre Mosteiro das Júnias de Pitões onde também viveu e porque é ainda o padroeiro daquela freguesia, a Câmara de Montalegre, resolveu comemorar este facto, solenizando-o com entusiasmo e brilho».²⁵¹

Estas comemorações não foram de pouca monta, tendo durado uma semana inteira, desde o dia 20 até ao dia 27 de novembro de 1977, trazendo a Montalegre pessoas de carácter civil e religioso, quer de Portugal, quer da vizinha Galiza.²⁵² Estas comemorações contaram com um diversificado programa de atividades, que envolveu todos os barrosões, em idade de ajudarem às mesmas, e pôde contar com a presença de muitos visitantes, muitos deles pelo que nos conta o Padre António Lourenço Fontes,

²⁴⁹ Cf. Iglesias, 147.

²⁵⁰ Fontes e Moura, *Milenário de S. Rosendo*, 9.

²⁵¹ Fontes e Moura, 9.

²⁵² Cf. Fontes e Moura, 9.

originários de Santo Tirso, terra onde, como já sabemos à saciedade, nasceu São Rosendo²⁵³.

Para fazer publicidade, e cativar pessoas a aderir ao evento, o Padre António Lourenço Fontes conta-nos que imprimiu inúmeras pagelas com a foto de São Rosendo, e as distribuiu por todo o lado. Num jornal de 1977 encontramos descrito o plano de atividades para essas comemorações. Passaremos, a continuação, a citar apenas um excerto:

«Atinge-se agora, portanto, o milenário do santo e o Município de Montalegre vai celebrá-lo com manifestações diversas, de índole cultural, desportiva e popular, para o que concebeu um programa que vai ser realizado de 20 a 27 deste mês. No primeiro dia, pelas 14 horas, nos Paços do Concelho, será inaugurada com a colaboração do Parque Nacional do Gerês»²⁵⁴.

Destas comemorações, o Padre António Lourenço Fontes contou-nos que resultou um maior conhecimento sobre a vida de São Rosendo e recordou-nos, com os olhos marejados em lágrimas (com certeza por terem visto as maravilhas do Senhor), também que, a partir dessa altura, na procissão da festa de Santa Maria das Júnias, começou a ser levado o andor do Santo Padroeiro daquela região: São Rosendo. Além disso, resulta ainda a obra escrita “*Comemorações do Milenário de São Rosendo*”, que, nos tendo auxiliado imensamente, serve como fonte de conhecimento para as gerações vindouras.

²⁵³ Cf. Fontes e Moura, 5-6.

²⁵⁴ S.d. “Milenário de S. Rosendo”, *Jornal de Notícias*, 16 de novembro de 1977, 7.

Conclusão

Ao concluirmos este trabalho de índole histórica, podemos afirmar que muito ainda está por dizer sobre São Rosendo e o seu século. Ao longo do trabalho, tivemos a oportunidade de apreciar uma figura histórica que, como referimos noutros momentos, está bastante esquecida (inclusivamente na sua capela onde é padroeiro), mas que a sua vida é uma verdadeira arte de bem fazer e de bem servir.

Chegados a este ponto em que concluímos o trabalho a que nos propusemos, sentimo-nos realizados na medida em que vemos correspondido o objetivo que encontrámos nas palavras desafiantes de D. António de Castro Xavier Monteiro e que nos serviram de incentivo ao longo da realização do trabalho.

Contudo, é necessário mencionar que um trabalho deste carácter nos trouxe desde a sua origem algumas dificuldades, muitas das quais nos obrigaram a sair do conforto da secretária e a ir ao campo de ação por onde passou São Rosendo, nomeadamente São Miguel do Couto e Celanova, recolhermos informações mais precisas de elementos sobre os quais tínhamos lido, mas que nos levantavam muitas dúvidas. Para além dessas dificuldades, referimos a dificuldade que tivemos em decifrar a veracidade de algumas datas e factos que, por vezes, se apresentavam como meras suposições, o que complicava o progresso da investigação e o apuramento de uma linha cronológica e causal. Também o facto de tratarmos um assunto sobre um século tão distante no tempo, como o é o século X, traz consigo uma certa complexidade ao nível de documentos, bem como no que concerne a registos e cruzamento de informação.

No decorrer da elaboração deste trabalho, fizemos leituras sobre diversos temas que se entrelaçavam com São Rosendo; temas esses repletos de informação que daria vontade de aprofundar, mas que não nos era possível, uma vez que ultrapassavam o âmbito deste trabalho e as metas que nos tínhamos proposto atingir. Um dos temas prende-se com o aprofundamento do estudo da árvore genealógica de São Rosendo. Fizemos menção à sua família apenas até aos seus avós, o que ficou longe do que poderíamos abordar. Um outro tema que ficou pendente de ser explorado foi o culto a São Rosendo que fazem em maior extensão, pelo que percebemos, em Espanha e sobre

o qual decidimos não abordar, uma vez que nos quisemos cingir ao território português. Ainda outros dois temas que poderiam ser bastante interessantes, mas também fica de fora da nossa área de trabalho, foram, por um lado, o estudo pormenorizado dos milagres de São Rosendo, e, por outro lado, a relação familiar de São Rosendo com Santa Senhorinha de Basto e com São Gervásio.

Estes temas que enumeramos e consideramos terem ficado por aprofundar podem constituir potenciais linhas de investigação futura.

Depois de nos cruzarmos com alguns temas, consideramos também que seria interessante futuramente alguém fazer um estudo aprofundado sobre todos os mosteiros do Norte de Portugal e da Galiza que são designados por terem sido construídos ou restaurados por São Rosendo. Faria falta, ainda e sobretudo, uma edição aprofundada e crítica da vida de São Rosendo em língua portuguesa com análise das fontes. Era também importante uma obra geral de fundo, à semelhança do que existe no Sul de Espanha, da história do monaquismo do Noroeste Peninsular, se bem que existe a do galaico Hipólito Bravo. Deveria, por fim, haver uma que tratasse conjuntamente a realidade da Galiza e do Norte de Portugal como um todo contínuo.

Em suma, este trabalho, realizado no âmbito da Dissertação de Mestrado da Faculdade de Teologia, foi para nós bastante enriquecedor, na medida em que: pôs à prova a nossa capacidade de investigação na área da História, muito apreciada por nós ao longo de todo o percurso académico; e, como também já tivemos oportunidade de mencionar na Introdução, escrever um trabalho que permitisse à comunidade académica e a todos os curiosos da leitura sobre a vida dos santos, encontrar uma síntese biográfica sobre a vida de São Rosendo e os seus feitos.

Achamos ainda pertinente terminar esta reflexão por dizer que São Rosendo foi para nós uma figura que se foi revelando à medida que escrevíamos o trabalho. Do que mais nos intrigou, ainda estão vivos na nossa mente dois aspetos que aqui mencionamos a título de curiosidade informativa: São Rosendo foi uma figura histórica que apesar de ser bispo sabia apelar à formação de um exército e combater os invasores inimigos; por outro lado, a sua capacidade de recolhimento na onda do pleno silêncio de espírito.

Como também já mencionamos, fizemos questão de nos deslocarmos ao mosteiro de Celanova, mosteiro esse que nos deixou deslumbrados, não só pela sua grandiosidade, mas também pela sua beleza. Pensar naquele mosteiro como um legado deixado por São Rosendo é reconhecer a enormidade do coração e do empenho daquele homem, daquele santo que é São Rosendo de Celanova e senhor das terras do Barroso.

Bibliografia

FONTES

Bíblia Sagrada. Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica, 2015.

Ordonho de Celanova. *Vida de São Rosendo*. Em *Vida e Milagres de São Rosendo*, Editado por Maria Helena da Rocha Pereira, p. 15-39. Porto: Junta Distrital do Porto, 1970.

Estêvão de Celanova. *Vida de São Rosendo*. Em *Vida e Milagres de São Rosendo*. Editado por Maria Helena da Rocha Pereira, p. 39-51. Porto: Junta Distrital do Porto, 1970.

ESTUDOS

Alonso, Justo Fernández. «Rudesindo». Em *Bibliotheca Sanctorum*: 453-454. Roma: Instituto Giovanni XXIII, 1968.

Correia, F. Carvalho e Álvaro Brito Moreira. *Monte Córdova, Santo Tirso: Elementos para uma monografia*. Braga: Comissão Fabriqueira da Igreja de S. Salvador do Monte Córdova, 2009.

Fiuza, Luis Quinteiro. *San Rosendo. Una Luz que non se Apaga*. Ourense: n. d., 2006.

Fontes, A. Lourenço e Carvalho de Moura. *Milenário de S. Rosendo: 977-1977*. Montalegre: Câmara Municipal de Montalegre, 1978.

Iglesias, Miguel Anxo Araújo. *San Rosendo: Bispo e Fundador*. Celanova: Parroquia de San Rosendo e Concello de Celanova, 1999.

Lima, J. A. Pires de. “Santos da Porta”. *O Tripeiro*: 124-135. Vol. 1, n.º 8. Outubro de 1945.

Lima, Raquel Sofia Araújo. *A Redescoberta de S. Rosendo, um Santo Anterior à Formação de Portugal. Relatório de Estágio apresentado à Universidade*

Católica Portuguesa para obtenção do grau de Mestre em Conservação e Restauro de Bens Culturais. Porto: n. d., 2021.

López, L. Pérez. «San Rosendo: obispo de Mondoñedo e Iria, reformador del monacato y pacificador de Galicia». *Nalgures*. Vol. 3 (2006): 297-328.

———. «San Rosendo: Monje y Reformador del Monacato». *Estudios Mindonienses*. Vol. 23 (2007): 201-227.

Mattoso, José. *Do Tempo e Da História*, vol. 5: *S. Rosendo e as correntes monásticas da sua época*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1972.

Monje, Manuel Sánchez. «San Rosendo y las raíces de nuestra fe». *Rudesindus*. Vol. 6 (2013): 36-40.

Moreira, A. «Caminhada de 1.º Maio em S. Miguel». *Jornal Municipal de Santo Tirso*: 8. Junho de 2010.

S. d. «Milénario de S. Rosendo», Em *Jornal de Notícias*: 7, 16 de novembro de 1977.

S. d. «São Rosendo». Em *Santos de Todos os Dias: Março*. Editado por José Leite e António José Coelho: 5-6. Braga: Editorial A.O., 2005.

Sáez, Emilio. *Los Ascendientes de San Rosendo. Notas para el Estudio de la Monarquía Astur-leonesa durante los Siglos IX y X*. Madrid: Diana, Artes Gráficas, s. a.

Tejedo, Manuel Carriedo. «La familia de San Rosendo». *Estudios Mindonienses*. Vol. 23 (2007): 103-123.

———. «La “Biblioteca” de San Rosendo [1665-2015]: Relación de Autores». *Rudesindus*. Vol. 11 (2018): 41-88.

SUBSÍDIOS

Almeida, Fortunato de. *História da Igreja em Portugal. Volume 1*. Edição preparada e dirigida por Damião Peres. Porto: Portucalense Editora, 1967.

Álvarez, Carlos de Castro, José Ignacio Fernández de Viana y Vieites e María Teresa González Balasch. *El Monasterio de San Juan de Caaveiro*. A Coruña: Imprenta de la Diputación Provincial de A Coruña, 1999.

Antunes, José. «Ensino. I. Época Medieval». Em *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. 2. Dirigido por Carlos Moreira Azevedo: 110-117. Lisboa: Círculo

de Leitores e Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2000.

Bishko, Charles Julian. *Spanish and Portuguese monastic history, 600-1300: Study I, The Pactual Tradition in Hispanic Monasticism*. London: Variorum Reprints, 1984.

Bravo, Hipólito de Sá. «San Salvador de Celanova». Em *Monasterios de España*. 2.^a ed.: 219-293. Leão: Editorial Everest S.A., 1988.

———. *El Monacato en Galicia*, vol. 1. Vigo: Editorial LIBRIGAL, 1972.

———. *El Monacato en Galicia*, vol. 1. Vigo: Editorial LIBRIGAL, 1972.

Cernadas, José Miguel Andrade. «Los modelos monásticos en Galicia hasta el siglo XI», *Archivo Ibero-Americano*. Vol. 65, n.º 252 (2005): 587-610.

Costa, João Gonçalves da. *Montalegre e Terras de Barroso. Notas Históricas sobre Montalegre, Freguesias do Concelho e Região de Barroso*. Braga: Edição da Câmara Municipal de Montalegre, 1968.

En-Nugairí. *Historia de los musulmanes de España y Africa*, vol. 1. Texto árabe y traducción española por M. Gaspar Remiro. Granada: Tipografía de “El Defensor”, 1917.

Fernández-Morera. *El mito del paraíso andalusí: Musulmanes, cristianos y judíos bajo el dominio islámico en la España medieval*. Madrid: Almuzara, 2016.

Ferreiro, António Lopez. *Estúdios Histórico-Críticos sobre el Priscilianismo*. Santiago: Tipografía de José María Paredes, 1878.

———. *História de La Santa A. M. Iglesia de Santiago de Compostela*, vol. 2. Santiago: Imp. y Enc. del Seminario Conciliar Central, 1889.

Flórez, Fr. Henrique. *España sagrada: theatro geographico-historico de la Iglesia de España: tomo XV, De la provincia antigua de Galicia en comun y de su metropoli, la Iglesia de Braga*. Madrid: En la oficina de Antonio Marin, 1759.

Freire, José Geraldes. «Manuscritos das *Sententiae Patrum Aegyptiorum* de S. Martinho de Dume», *Repertorio de Historia de las Ciencias Eclesiásticas en España*, vol. 2 (1971): 83-97.

García, Haro. *Grabadores contra el franquismo*. Madrid: Editorial CSIC, 2010.

- Gomez, Jesús. *Historia De La Vida Religiosa*, vol. 1. Madrid: Publicaciones Claretianas, 1987.
- Iglesias, José e Maria Sans. *Estudio Critico: Fructuoso de Braga*. Madrid: Fundación Ignacio Larramendi, 2011.
- Le Bras, Gabriel. *La Iglesia Medieval*. Valencia: EDICEP, 1976.
- Linage, Antonio. «Prisciliano y los orígenes monasticos Hispanos». Em AAVV, 88-99, *Prisciliano y el priscilianismo*. Oviedo: Caja de Ahorros de Asturias, 1980.
- Marques, André Evangelista, Mário Jorge Barroca e Luís Carlos Amaral. «As Incurções Vikings no Norte de Portugal». Em *Mil Anos da Incurção Normanda ao Castelo de Vermoim*. Coordenado por Mário Jorge Barroca e Armando Coelho Ferreira da Silva: 143-184. Porto: CITCEM, 2018.
- Mattoso, José. *Do Tempo e Da História*, vol. 2: *O Monaquismo Ibérico e Cluny*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1968.
- . *Do Tempo e Da História*, vol. 5: *S. Rosendo e as correntes monásticas da sua época*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1972.
- . *Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1982.
- Murguia, Manuel. *Historia De Galicia*, vol. 2. Lugo: Imprensa de Soto Freire, 1866.
- Oliveira, P. Miguel de. *História Eclesiástica de Portugal*. Lisboa: União Gráfica de Lisboa, 1940.
- Orlandis, José. *Historia Del Reino Visigodo Español*. Madrid: RIALP, 2011.
- Paz, Carlos Andrés Gonzáles. «Sarracenos, Moros, Mudejares y Moriscos en la Galicia Medieval». *Cuadernos de Estudios Gallegos*. Vol. 51, n.º 117 (2004): 281-312.
- Peña, Emilio Duro. *El Monasterio de San Esteban de Ribas de Sil*. Orense: Instituto de Estudios Orensanos «Padre Feijoo» de la Diputacion Provincial, 1977.
- Risco, Manuel. *España Sagrada. Tomo XL. Antigüedades De La Ciudad Y S.Ta Iglesia De Lugo: Memorias De Los Insignes Monasterios De S. Julian De Samos, Y S. Vicente De Monforte. Examen Critico De Los Monumentos Que Se Diecen Concilios Lucenses. Noticias Ineditas Del Celbre Codice De Concilios, Que Se Conservó En Esta Iglesia Hasta Su Traslacion À La Real Biblioteca Del Escorial*,

Y Del Ms. Remitido À Roma À Gregorio XIII. Con Muchos Documentos Y Escrituras Concernientes À Los Asuntos Que Se Tratan. Su Autor El R. P. Mro. Fr. Manuel Risco, Del Orden De San Augustin. Madrid: Oficina de la viuda é hijo de Marin, 1796.

Romero, Fernando Alonso. «La Navegación e Itinerario del Ejército Normando de Gunderedo». Em *Mil Anos da Incursão Normanda ao Castelo de Vermoim*. Coordenado por Mário Jorge Barroca e Armando Coelho Ferreira da Silva: 53-85. Porto: CITCEM, 2018.

Rosa, Maria de Lurdes. «A Santidade no Portugal Medieval: Narrativas e Trajectos de Vida». *Lusitania Sacra*, n.º 13-14 (Janeiro 2001): 369-450.

Rovira, José Orlandis «Los monasterios dúplices españoles en la Alta Edad Media». *Anuario de historia del derecho español*. N.º 30 (1960), 49-88.

———. «Los monasterios familiares en España durante la Alta Edad Media», em *Anuario de historia del derecho español*. N.º 26 (1956), 5-46.

Ruiz, Julio Campos, Melia, Ismael Roca. *San Leandro, San Isidoro, San Fructuoso. Regias monásticas de la España visigoda. Los tres libros de las «Sentencias»*. Madrid: BAC, 1971.

S. a. *Egéria: viagem do Ocidente à Terra Santa no séc. IV. Itinerarium ad loca sancta*. Estudo e tradução de Alexandra B. Mariano. Texto latino de Aires A. Nascimento. Lisboa: Colibri, 1998.

Sousa, Pio G. Alves de. *Patrologia galaico-lusitana*, 2ª ed. Lisboa: Universidade Católica, 2003.

Vega, José Carlos Garcia. *Historia Medieval De Galícia: Apuntes De Historia De Galicia*, vol. 1. (s. d.).

WEBGRAFIA

S. d. Consultado a 11 de dezembro de 2022. <https://www.cm-stirso.pt/conhecer/noticias/noticia/caminho-portugues-de-sao-rosendo-une-seis-municipios>.

S. d. Consultado a 11 de dezembro de 2022. https://opjst.cm-stirso.pt/PageGen.aspx?WMCM_PaginaId=28315&id=193&processoID=43.

